

# Expressão

**E**  
CURRÍCULO  
CULTURA  
CRISTÃ

Revista do Aluno

## Profetas da Restauração

Estudos bíblicos em  
Daniel, Ageu, Joel,  
Zacarias e Malaquias





# 1

## FIDELIDADE AO SENHOR

Daniel 1, 3 e 6

### Para ler e meditar durante a semana

**D** – Sl 3.1-8 – O Senhor é o meu escudo; **S** – Pv 4.20-27 – Protegendo as fontes da vida;  
**T** – Tg 1.2-4 – Os benefícios das provações; **Q** – 2Cr 16.9 – Deus protege seus filhos fiéis;  
**Q** – Sl 47.8 – Deus está no controle; **S** – Is 43.1-2 – Deus resgata o seu povo;  
**S** – At 5.17-32 – Deus em primeiro lugar

### INTRODUÇÃO

1. O que significa ser fiel a Deus até a morte? Isso é possível hoje?

Até que ponto devemos manter a fidelidade a Deus? Há limite para obedermos aquilo que o Senhor exige de nós? Mesmo nas situações de perigos e adversidades, estaríamos isentos de sermos fiéis?

No livro de Daniel, encontramos respostas para essas questões nas narrativas de três episódios, nos quais Daniel e seus amigos estiveram envolvidos: o teste dos quatro jovens hebreus na chegada à Babilônia (cap. 1), a fornalha de fogo ardente (cap. 3) e a cova dos leões (cap. 6). Embora tenham sido momentos de intensa dificuldade para aqueles jovens, servos de Deus, em cada uma dessas provações, eles saíram vitoriosos.

### I. JOVENS COMPROMETIDOS COM DEUS (Dn 1)

2. Por que Daniel e seus amigos eram especiais?
3. Descreva as medidas adotadas para fazer Daniel e seus amigos se adequarem à cultura babilônica.
4. Por que elas não foram suficientes para mudar aqueles jovens?

Daniel, Hananias, Misael e Azarias eram jovens especiais. Fortes, de boa aparência, inteligentes e instruídos, eles

eram espiritualmente comprometidos com o Senhor. Contudo, tiveram um grande desafio: o rei queria forçá-los a se adequarem à cultura da Babilônia.

#### A. Cercados por todos os lados

O rei instruiu a Aspenaz, oficial-chefe do palácio, a treiná-los para trabalhar na Babilônia. Diferente de Faraó que oprimiu os hebreus no Egito, Nabucodonosor oferecia melhores condições como, alimentação, educação de qualidade e a possibilidade de crescimento profissional.

O programa educacional provavelmente incluía um estudo da agricultura, arquitetura, astrologia, astronomia, direito, matemática e a língua dos babilônios. Nabucodonosor queria fazer uma “lavagem cerebral”, mudando a cultura daqueles jovens hebreus. Eles seriam alimentados com as finas iguarias da mesa do rei (v. 5). No entanto, aqueles alimentos não estavam de acordo com as exigências da Lei Mosaica (Lv 11; Dt 14). Além disso, cada refeição no palácio real da Babilônia era dedicada aos ídolos. Desfrutá-las seria entendido como honrar essas divindades.

A tentativa de influenciá-los não parou por aí. Nabucodonosor determinou que eles recebessem uma nova identidade e, assim, o nome daqueles jovens também foram alterados, sendo associados a deuses

abilônicos. Daniel (“Deus é meu juiz”) passou a ser chamado de Beltessazar (“*Bel* proteja sua vida”), Hananias (“Jeová é amor”) de Sadraque (“servo do deus *Sin*, o deus lua”), Misael (“Quem é igual a Deus?”) de Mesaque (“quem é como o deus *Aku*?”); e Azarias (“Jeová ajuda”), de Abede-Nego (“servo do deus *Nabu*”, outro deus pagão).

### **B. Resistindo fielmente**

Observe o cenário construído ao redor daqueles jovens: nova casa, nova cultura, nova alimentação e nova identidade. Eles estavam diante de circunstâncias que possibilitavam uma vida luxuosa e promissora na Babilônia. Foram tentativas de moldá-los segundo os costumes e crenças babilônicas, mas foi tudo em vão. Essas mudanças não foram suficientes para influenciá-los, pois seus corações não podiam ser mudados. Eles permaneceram fiéis ao verdadeiro Deus, como a narrativa bíblica mostra. As migalhas do mundo não podem ser comparadas com o banquete de Deus. Isso aconteceu porque “Daniel resolveu firmemente não se contaminar com as finas iguarias do rei” (v. 8). Ele guardou o seu coração, de onde procedem as fontes da vida (Pv 4.23).

São nas pequenas questões que grandes vitórias são conquistadas. Daniel solicitou ao chefe dos eunucos que fosse permitido a ele não se contaminar. Porém, Aspenaz temia contrariar as ordens do rei, por isso, Daniel pediu ao cozinheiro-chefe dez dias de teste, isso não era muito, já que teriam três anos de treinamento pela frente. O chefe concordou com o plano. Após dez dias, a aparência dos quatro jovens hebreus era mais saudável do que a dos demais (v. 14-16). A mudança na aparência dos jovens foi o resultado da

graça de Deus, que honrou a fidelidade deles, e não das propriedades dos alimentos consumidos.

O teste da dieta vegetariana durante dez dias foi vencido, mas e os três anos de treinamento? A Babilônia era a capital intelectual de toda a Ásia ocidental e o estudo da cultura e língua dos caldeus colocaram aqueles jovens em contato com a visão de mundo politeísta, além da magia, feitiçaria e astrologia dos babilônios. Entretanto, eles não se deixaram contaminar por essas coisas. Deus os abençoou e deu a eles “o conhecimento e a inteligência em toda a cultura e sabedoria” (v. 17). Após examiná-los, o rei admitiu que os quatro rapazes eram dez vezes mais inteligentes do que seus melhores conselheiros (v. 20). Aqueles jovens eram comprometidos de fato com o Pai.

## **II. UMA PROVA DE FOGO (Dn 3)**

Os jovens não abriram mão de sua fidelidade ao Senhor e, por isso, Deus os fez bem-sucedidos no palácio. Contudo, os desafios continuaram e eles tiveram de enfrentar outras provas. Em Daniel 3, encontramos uma das histórias mais conhecidas e amadas da Bíblia. É outro exemplo de fidelidade ao Senhor, que oferece um grande encorajamento para cada crente que luta para não se conformar com os padrões e valores do mundo.

### **A. O teste, a acusação e a sentença (Dn 3.1-16)**

5. Explique a prova de fogo, a acusação e a sentença enfrentadas por Sadraque, Mesaque e Abede-nego.

6. O que a declaração dos jovens diante da sentença dada a eles ensina sobre a adoração (v. 17-18)?

Nabucodonosor era conhecido por suas grandes construções. Ele chegou ao extremo do orgulho e ordenou a construção

de uma imagem de ouro gigantesca que deveria ser adorada. A estátua deveria ter cerca de 30 metros de altura e três de largura (3.1).

O rei então ordenou que todos deveriam se prostrar diante da imagem quando os instrumentos musicais fossem tocados, do contrário seriam lançados na fornalha de fogo ardente. Curvar-se diante da imagem era um ato de adoração aos deuses babilônicos e de reverência a Nabucodonosor. Todos os povos se prostraram e “adoraram a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor tinha levantado” (3.7). Contudo, havia três oficiais que não se dobraram. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego permaneceram de pé, mesmo quando todos adoravam a imagem de Nabucodonosor.

A postura daqueles jovens suscitou uma reação imediata. “No mesmo instante, se chegaram alguns homens caldeus e acusaram os judeus” (v. 8). Eles disseram ao rei: “Sadraque, Mesaque e Abede-Nego; esses homens, ó rei, não fizeram caso de ti, a teus deuses não servem, nem adoram a imagem de ouro que levantaste” (v. 12).

Diante do rei irado, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego não travaram uma discussão infrutífera. Eles estavam dispostos a morrer, mas não a desobedecer a Deus. O rei tentou intimidá-los com a fornalha, mas eles não tinham medo da morte. Nabucodonosor chegou até a declarar: “E quem é o deus que vos poderá livrar das minhas mãos?” (v. 15). Os três jovens responderam dizendo que Deus poderia livrá-los, mas não afirmavam que Deus o faria: “Ó Nabucodonosor, quanto a isso não necessitamos de te responder” (v. 16).

O que o rei não compreendia é que eles não serviam a Deus por causa dos benefícios. Eles serviam a Deus por causa

do caráter de Deus, por isso não se prostraram diante daquela imagem.

### **B. A fidelidade e as consequências (Dn 3.17-30)**

7. Quais as consequências da fidelidade daqueles jovens diante da prova de fogo?

8. O que você tem revelado de Deus em meio aos seus problemas? Sua reação tem conduzido outras pessoas a adorá-lo?

Os jovens se mantiveram firmes e não se prostraram. O rei se encheu de fúria e ordenou o cumprimento da sentença: “ordenou que se acendesse a fornalha sete vezes mais do que se costumava” (v. 19). Sadraque, Mesaque e Abede-Nego foram lançados na fornalha pelos homens mais fortes do exército do rei, que morreram por causa das chamas de fogo (v. 22).

Nabucodonosor ficou em uma posição de onde podia ver o que acontecia dentro da fornalha e ficou impressionado com o que viu. Havia não somente três, mas quatro pessoas na fornalha. Em seguida, ele observa que eles não estavam amarrados nem deitados, mas caminhando dentro dela (v. 25,28). Somente as cordas foram destruídas pelo fogo.

Então, Nabucodonosor ficou espantado e se aproximou da porta da fornalha e declarou: “Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, servos do Deus Altíssimo, saí e vinde!” (v. 26). Todos se juntaram e testemunharam que o fogo não teve poder algum sobre eles, não tiveram os cabelos nem as roupas chamuscados, nem mesmo cheiro de fumaça havia neles.

A fidelidade dos jovens a Deus os conduziu a uma prova de fogo. Eles não tiveram alternativa. O forno da adversidade foi uma oportunidade para eles estarem mais perto do Senhor, experimentando o

seu cuidado preservador. Deus os livrou, embora não tivesse nenhuma obrigação de fazer isso. Mas a principal consequência dessa fidelidade é encontrada na vida de Nabucodonosor. Primeiro, o rei reconheceu o Senhor como o “Deus Altíssimo” (v. 26) e bendisse o seu nome. Depois, decretou que se uma pessoa blasfemasse contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego deveria ser despedaçada e sua casa seria reduzida a monturo.

Devemos permanecer fiéis ao Senhor independentemente do grau de dificuldade que enfrentamos e de quaisquer que sejam as consequências disso. A nossa motivação não pode ser nosso bem-estar físico e sim a glória de Deus. A maneira como nos comportamos diante de nossas provas de fogo diz muito a respeito do Deus a quem servimos.

### III. DANIEL NA COVA DOS LEÕES (Dn 6)

A história de Daniel na cova dos leões é outro inspirador episódio relacionado à fidelidade que devemos ao Senhor. Além disso, é um exemplo clássico da má intenção dos seres humanos e os propósitos soberanos de Deus.

#### A. O plano contra Daniel (Dn 6.1-11)

9. Qual foi a base da acusação levantada contra Daniel? O que aprendemos com isso?

10. Daniel não fez concessões mesmo diante de um decreto real. O que isso comprova?

O rei Dario determinou que os negócios do império fossem administrados por 120 sátrapas (governadores). Daniel era um dos três presidentes instituídos pelo rei sobre esses sátrapas, para que o rei não sofresse dano (v. 2).

No meio de fraudes e corrupção, Daniel se destacou como um homem

governado por um senso de lealdade e integridade (v. 3). Sua honestidade agradava ao rei, mas incomodava os outros líderes, que procuravam ocasião para acusar a Daniel a respeito do reino (v. 4). Eles sabiam que Daniel não era corrupto. A única maneira de acusá-lo seria encontrar algo que o desqualificasse por meio de sua devoção a Deus (v. 5).

Os inimigos de Daniel usaram as ferramentas da bajulação e da mentira. Eles “foram juntos ao rei” e sugeriram a promulgação de uma lei, segundo a qual ninguém deveria pedir algo a qualquer deus ou homem durante trinta dias. Toda súplica deveria ser direcionada ao próprio rei Dario. E se alguém ousasse desobedecê-la, deveria ser jogado na cova dos leões. A adulação tocou o orgulho do rei, e ele, mais do que depressa, ordenou que a lei fosse escrita e a assinou (v. 6-9).

Daniel tinha seus hábitos de oração. Três vezes ao dia, ele *orava com as janelas abertas em direção a Jerusalém*. Essa atitude o lembrava de que ele era um estranho e exilado na Babilônia. Sua cidadania e lealdade estavam em outro lugar. Além disso, *demonstra disciplina e regularidade: “como costumava fazer”* (v. 10). Disciplina e regularidade são chaves vitais para a fidelidade a Deus.

A situação era crítica e perigosa. Sabendo da lei, Daniel não fez nenhuma tentativa de esconder sua devoção a Deus, ainda que isso significasse ser lançado na cova dos leões. Sua fidelidade a Deus era mais importante (cf. At 5.29). Os homens que buscavam prejudicar Daniel foram observá-lo e tudo aconteceu como o esperado, Daniel continuou, como de costume, a fazer suas orações e súplicas ao Senhor. Eles imediatamente correram

até o rei e o denunciaram. Dario ficou angustiado com a notícia e percebeu que tinha sido usado como parte de um plano contra Daniel. Durante todo o dia ele considerou vários meios de livrar Daniel daquela armadilha (v. 14), mas sem sucesso. A lei deveria ser cumprida (v. 16) e Daniel foi lançado na cova dos leões (v. 17).

### **B. A preservação de Daniel e a glória de Deus (6.18-28)**

#### **11. Quais foram os resultados da fidelidade de Daniel?**

O rei não pôde fazer nada para ajudar Daniel, a não ser esperar que Deus o livrasse (v. 16). No início da manhã, ele foi correndo até a cova dos leões a fim de verificar o que havia acontecido: “Daniel, servo do Deus vivo! Dar-se-ia o caso que o teu Deus, a quem tu continuamente serves, tenha podido livrar-te dos leões?” (v. 20). Para sua surpresa e alegria, a resposta foi positiva. Daniel estava vivo. O Altíssimo havia fechado a boca dos leões (Hb 11.33).

O rei Dario ordenou que os acusadores de Daniel fossem lançados na cova dos leões com suas mulheres e filhos; “e ainda não tinham chegado ao fundo da cova, e já os leões se apoderaram deles, e lhes esmigalharam todos os ossos” (v. 24). O rei também publicou um decreto ordenando que seus súditos mostrassem temor e reverência para com o Deus de Daniel (v. 25-27). Dario citou quatro motivos para seus súditos temerem a Deus: (1) O Deus de Daniel era o Deus vivo, ativo nos assuntos dos homens. (2) Ele é o Deus eterno cujo reinado nunca seria destruído. (3) O Deus de Daniel “livra e salva”, porque livrou o seu servo do poder dos leões. (4) O Deus de Daniel “realiza sinais e maravilhas no céu e na terra”.

“Daniel prosperou no reinado de Dario” (v. 28). Daniel viu a Babilônia cair, mas permaneceu firme e foi promovido no reino de Dario. Deus honra aqueles que o honram. Deus é quem exalta e também quem humilha. Dario foi levado a reconhecer a grandeza e o poder de Deus.

### **CONCLUSÃO**

Daniel e seus amigos não teriam obtido vitórias e bênçãos nos anos posteriores se tivessem se afastado de Deus quando enfrentaram provações na juventude. Se eles tivessem a preocupação de agradar as pessoas para se tornarem “populares”, teriam cedido às pressões e abandonado o Senhor. Contudo, eles ignoraram as ameaças e, por meio da fé, fizeram segundo a vontade de Deus. A obediência deles foi observada por Deus, e o Altíssimo concedeu a eles o direito de trabalhar na corte do rei.

### **APLICAÇÃO**

#### **12. Complete:**

- a) Ser fiel a Deus é \_\_\_\_\_.
- b) A partir do que aprendi hoje, minha vida será \_\_\_\_\_.

Em meio às lutas e pressão, apegue-se a Deus e à sua Palavra cada vez mais. Somente assim você vencerá a luta contra o mundo, a carne e o diabo. Seja íntegro em cumprir tudo aquilo que Deus requer, mesmo que a cultura exerça uma grande e forte pressão contra você. Lembre-se de que Deus está no controle de toda situação. Isso ajudará você a servi-lo sem medo das consequências. Se tiver de enfrentar uma fornalha de fogo (1Pe 1.6-8; 4.12-19) ou se o leão rugir contra você (1Pe 5.8-10), você estará sob os cuidados do Senhor, e ele cumprirá seus propósitos divinos para sua glória.

# 2

Daniel 2

## O DEUS DOS DEUSES E O SENHOR DOS SENHORES

### Para ler e meditar durante a semana

**D** – Sl 47.1-9 – Deus, o Rei da terra; **S** – Ap 4.1-11 – Deus está no trono; **T** – Is 6.1-8 – A visão do trono celestial; **Q** – Ez 1.26-28 – A visão da glória divina; **Q** – Dn 7.13-14 – A visão do Filho do Homem; **S** – Ap 5.1-11 – A visão do Cordeiro e o trono; **S** – Sl 118.22-23 – A alegria dos justos pelo Salvador

### INTRODUÇÃO

Em 1743, pela primeira vez a obra *O Messias de Händel* foi apresentada em Londres, na presença do rei George II. Após ouvir o coro *Aleluia*, o rei levantou-se de seu trono e curvou a cabeça indicando que o rei verdadeiro não era ele, mas Jesus, o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Cristo é o nosso rei. O capítulo 2 de Daniel não trata apenas de um sonho, mas acima de tudo, da revelação maravilhosa da soberania de Deus sobre os governos do mundo, a destruição dos grandes impérios e o estabelecimento do reino celestial.

### I. A INQUIETAÇÃO DO REI (Dn 2.1-13)

1. O que causou a inquietação no rei Nabucodonosor e quais foram suas exigências?
2. Qual foi a resposta dos caldeus diante das exigências do rei? Em que ela está fundamentada?

O capítulo 1 descreve que Deus deu a Daniel sabedoria, influência, saúde e vida longa. Agora, apesar das ameaças, o Senhor cumpre o que prometeu. O sonho que Nabucodonosor teve não foi normal, uma revelação divina de eventos importantes sobre o futuro. Deus revela sua vontade também aos incrédulos, com um propósito, para que o nome do Altíssimo seja glorificado.

O rei estava preocupado com seu futuro (Dn 2.29). Sua inquietação revelou o medo de encontrar alguém mais poderoso. Atordoado, Nabucodonosor exigiu que os magos e adivinhadores relatassem e interpretassem o sonho. Qualquer pessoa pode “inventar” uma interpretação, porém é impossível descobrir e descrever de forma detalhada o sonho de alguém. Foi exatamente por isso que os caldeus declararam em aramaico: “Dize o sonho a teus servos, e daremos a interpretação” (v. 4). Eles tentaram “ganhar tempo” (v. 8), na esperança de que o rei mudasse de ideia (v. 9). Os astrólogos responderam: “Não há mortal sobre a terra que possa revelar o que o rei exige; pois jamais houve rei, por grande e poderoso que tivesse sido, que exigisse semelhante coisa de algum mago, encantador ou caldeu. A coisa que o rei exige é difícil, e ninguém há que a possa revelar diante do rei, senão os deuses, e estes não moram com os homens” (Dn 2.10-11).

A resposta dos caldeus estava fundamentada em quatro argumentos. O primeiro deles é que reconheceram que nenhum homem poderia cumprir as exigências do rei, o segundo é que tal pedido era totalmente sem precedentes nos anais da história babilônica, o terceiro,



por sua vez, é que eles apelaram para a simpatia, argumentando com o rei que aquela exigência era muito difícil e, finalmente, despejaram toda a questão sobre os deuses. Apenas aqueles cuja morada não é mortal poderiam revelar o sonho do rei (v. 11).

Eles sabiam que a proposta feita pelo rei era uma grande oportunidade, porém não eram capazes de vencer o desafio (v. 6). No entanto, o rei Nabucodonosor não cedeu a nenhum desses argumentos. Ele ficou furioso e, conseqüentemente, decretou a execução de todos os sábios da Babilônia, incluindo Daniel e seus amigos (v. 13). Mas o Senhor se revela aos homens (Sl 19), conforme havia dito por meio de Amós: “O Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Am 3.7). Nesse caso, o que estava prestes a fazer Deus iria revelar ao profeta Daniel.

## II. A ORAÇÃO DE DANIEL (Dn 2.14-23)

3. Qual foi a atitude de Daniel diante da revelação do sonho?
4. De que forma Daniel descreve o Altíssimo?
5. Que lição preciosa Daniel nos ensina?
6. De que maneira Daniel começa e termina sua oração?

Diante da exigência do rei, Daniel foi procurar Arioque, o chefe da guarda, que havia recebido a ordem para matar todos os sábios da Babilônia. Com muita habilidade e cuidado (Dn 2.14), o profeta enfrentou o chefe da guarda e até mesmo o próprio rei. Daniel teve a habilidade de, em meio ao pânico, deixar todos a vontade com sua calma e compostura. “O justo é intrépido como o leão” (Pv 28.1).

O profeta Daniel era jovem e havia acabado de ser aprovado na corte do rei. Entretanto, ele simplesmente ficou de frente com o furioso rei Nabucodonosor que havia ordenado a morte de todos os sábios. O diálogo parece irônico, Daniel pede ao rei o mesmo que os encantadores pediram, mas com uma diferença, ele foi atendido. O que os magos pediram a Nabucodonosor? Tempo. O que o rei disse que não daria a eles? Tempo. E o que Daniel pediu? Tempo. E o que ele recebeu? Tempo. Para os sábios da Babilônia, Daniel não era nada. Era um simples aprendiz. Contudo, ele confiava em Deus e estava disposto a enfrentar tudo, até mesmo a fúria do rei. É maravilhoso como Deus domina a conversa deles (Pv 21.1). O rei deu tempo a Daniel, embora tivesse negado tempo aos outros sábios. Diante disto, Nabucodonosor concedeu um indulto temporário (Dn 2.14-16).

Naquela noite, Daniel convocou uma reunião de oração e Deus graciosamente revelou o sonho. No dia seguinte, o profeta declarou ao rei a sua interpretação, Daniel fez uma pausa para bendizer a Deus, em vez de correr até ao rei ou se vangloriar do conhecimento recém-adquirido. Ele deu toda a glória ao Senhor, sem reservar nada para si mesmo (Dn 2.20-23,28). A gratidão do profeta se desdobra em sete características sobre o Altíssimo:

- (1) A sabedoria e poder pertencem ao Senhor (v. 20). Ele, e não os sábios da Babilônia, tem sabedoria para ordenar o mundo e o poder para realizar seus propósitos.
- (2) O Senhor controla, seja de forma ativa ou permissiva, as estações e a história (v. 21).

- (3) O Senhor remove e estabelece reis (v. 21). Ele é, em última análise, o Rei dos reis.
- (4) Ele dá sabedoria e conhecimento aos homens que estão preparados para recebê-lo (2.20,22).
- (5) O Deus do céu revela as coisas profundas e ocultas (v. 22). Somente mediante a revelação divina os homens podem ter qualquer visão acerca do futuro.
- (6) O Senhor conhece o que está em trevas (v. 22). Ele conhece a escuridão dos corações dos homens, a escuridão do reino de Satanás e as trevas do passado e do futuro.
- (7) A luz habita em Deus (Dn 2.22; Jó 12.22; Sl 139.11-12). Esta é outra rejeição direta da teologia babilônica que adorava várias divindades (Dn 2.22).

Daniel nos ensina uma preciosa lição de como lidar com as crises. Em meio às tempestades, devemos cair de joelhos na presença de Deus. Aliás, aqui está um grande contraste entre Daniel e os magos da Babilônia. Os magos adoravam as estrelas. Mas Daniel e seus amigos adoravam ao Deus dos céus. Os magos estudavam os céus, mas eles não conheciam o Eterno, cujo trono está nos céus (Ap 4).

Todos os quatro jovens hebreus podiam, agora, compreender o sonho do rei. Fato digno de nota é que Daniel começou e concluiu sua oração falando da sabedoria e do poder de Deus (Dn 2.23). Depois de agradecer ao Senhor, o profeta imediatamente foi até o chefe da guarda e pediu a ele que não matasse os sábios (v.24). Em seguida, relatou ao rei o pesadelo

que tanto o incomodava. Deus mais uma vez preservou a vida do profeta. Não há limite para o que o Todo-Poderoso pode fazer ao servo que lhe dá toda a glória.

### III. A INTERPRETAÇÃO DO SONHO (Dn 2.24-45)

7. Descreva o sonho que tirou a paz do rei.
8. Qual a interpretação do sonho conforme o profeta Daniel?
9. O que significa cada metal da estátua?
10. Qual o significado da pedra que destruiu a estátua?
11. Por que os reinos do mundo são descritos de cima para baixo?

Enquanto os sábios e encantadores não foram capazes de revelar o sonho do rei, o Deus do céu deu a Daniel a capacidade de torná-lo conhecido (Dn 2.25-28). Daniel começou revelando as circunstâncias do sonho. Nabucodonosor estava em seu leito refletindo sobre o que aconteceria no futuro (v. 29). No sonho, o rei viu uma estátua grande de um homem que tinha a cabeça de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e os quadris de bronze, as pernas de ferro, e os pés de ferro e barro. Ele também viu uma pedra cair nos pés da estátua e toda ela virar pó. Em seguida, a pedra se transformou em uma grande montanha, que encheu toda a terra (v. 35). No versículo 28, Daniel afirma que o significado do sonho refere-se aos “últimos dias”. Cada metal representava um reino. Assim, no sonho de Nabucodonosor, a grande estátua representava quatro impérios:

**A cabeça de ouro.** Era uma representação do rei Nabucodonosor e o reino da Babilônia (Dn 2.37-38). Esse simbolismo é adequado porque a Babilônia era chamada de “a cidade dourada” (Is 14.4). O ouro era usado com abundância para

decorar seus santuários e edifícios públicos. Além do mais, o profeta Jeremias chamou a Babilônia de “copo de ouro na mão do Senhor” (Jr 51.7).

**O peito e os braços de prata.** Os dois braços ligados ao peito representam um império que seria formado por dois povos: os medos e os persas. Os braços de prata, evidentemente, representam as duas nações da Média e da Pérsia que, juntas, derrotaram Babilônia.

**O ventre e os quadris de bronze.** Eles representam o reino da Grécia. Alexandre o Grande conquistou o Império Medo-Persa e dominou o mundo. Estabeleceu o maior império da Antiguidade com suas proezas militares. Porém, o seu reino se desintegrou com sua morte (em 323 a.C.). O que começou como uma unidade (no abdômen) e se dividiu em duas partes distintas. Isso pode apontar para a Síria e o Egito, os dois grandes reinos helenísticos que cresceram a partir do império de Alexandre.

**Pernas de ferro e os pés de ferro e de barro.** Eles simbolizam o Império Romano, o mais forte dos quatro. O ferro representa força, mas, por outro lado, o barro representa fragilidade. O Império Romano era forte em sua lei, organização e poderio militar, mas era formado por tantos povos diferentes que isso o enfraqueceu. O quarto império não caiu como os outros, mas se desintegrou internamente (Dn 2.43). Em último lugar, chegamos, então, ao clímax do sonho: **a pedra que destruiu a estátua.** Daniel declara que a imagem foi destruída por uma pedra que foi cortada sem auxílio de mãos. A destruição da imagem foi um golpe repentino, poderoso e decisivo (v. 44). O Deus do céu estabelecerá um

reino diferente: (1) indestrutível, “jamais será destruído”, (2) não transmissível, “não passará a outro”, (3) irresistivelmente poderoso, “esmiuçará e consumirá todos os reinos” e (4) será eterno, “subsistirá para sempre”.

Nas Escrituras, o termo *pedra* ou *rocha*, muitas vezes se refere a Jesus Cristo, o Messias (Sl 118.22; Is 8.14; 28.16, 1Pe 2.6-8). Na segunda vinda de Cristo, os reinos deste mundo serão destruídos, e o reino de Cristo será estabelecido definitivamente. Diz a Bíblia que nesse dia todo joelho se dobrará (Fp 2.11). No capítulo 2, os reinos do mundo são descritos de cima para baixo. Isso revela o enfraquecimento das nações: elas começam no ouro e terminam no barro. Entretanto, cada um destes também representa poder. A prata é mais forte do que o ouro. O bronze é mais forte do que a prata. O ferro é mais forte do que o bronze. Mas o reino de Cristo é invencível, ele triunfará pelos séculos dos séculos (Dn 2.45). Logo, a única esperança para este mundo é o retorno de Cristo. Ele voltará à terra para conquistar as nações (Ap 19.11) e estabelecer seu reino glorioso.

#### IV. A EXALTAÇÃO DE DANIEL (Dn 2.46-49)

12. Qual foi a reação do rei diante da interpretação do sonho?
13. O que o rei confessou sobre o Deus verdadeiro?
14. Qual foi a promoção que o rei concedeu a Daniel?
15. O que Daniel pediu ao rei para os seus três amigos?

O rei Nabucodonosor ficou atônito com as declarações de Daniel, ajoelhou-se, prostrou-se com o rosto no chão e ordenou que fossem apresentados a Daniel

sacrifícios e incenso (Dn 2.46). Uma honra que normalmente era dada apenas aos deuses da Babilônia.

Além do mais, Nabucodonosor confessou que o Deus de Daniel é superior a todos os deuses da Babilônia e que ele é o Senhor sobre os reis da terra (v.47). A interpretação do sonho havia convencido o rei sobre o Deus verdadeiro. Ele é o Deus dos deuses, o Senhor dos senhores e o revelador dos mistérios. O rei reconheceu a supremacia, soberania e sapiência do Deus de Daniel.

Nabucodonosor promoveu o profeta Daniel a governante de toda a província da Babilônia. O rei também deu ao profeta “muitos e grandes presentes”, como resultado de sua apreciação. Por sua vez, Daniel não guardou as honras para si, ele pediu ao rei que os três amigos também fossem promovidos como oficiais na Babilônia (v. 49).

Quanto mais estudamos a vida de Daniel, mais aprendemos sobre humildade e abnegação. O capítulo começou como uma possível tragédia que a morte de Daniel e seus três amigos poderia causar, mas transformou-se em uma enorme bênção para os quatro jovens. Desse modo, o Senhor foi grandemente glorificado pelo rei Nabucodonosor: “O vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador de mistérios, pois pudeste revelar este mistério” (v. 47).

## CONCLUSÃO

O capítulo 2 do livro de Daniel

destaca quatro lições preciosas que não podemos ignorar. A primeira, é que Deus, e não o homem, é soberano nos assuntos mundiais. Em segundo lugar, Deus tem um plano para o mundo e vai concretizá-lo. O terceiro ponto é que Deus está ordenando a História de acordo com seu plano. Ele escreve a História para que ela aconteça e nada escapa ao seu controle. Finalmente, os reinos deste mundo são temporários. Somente o reino de Cristo subsistirá para sempre (v. 44).

## APLICAÇÃO

16. Se Deus está no trono e tem total controle sobre os reinos deste mundo, qual deve ser a sua atitude diante das crises do Euro e do Dólar? Como ver as agitações internacionais?

A Palavra de Deus é fiel e verdadeira. Aquilo que Deus prometeu foi realizado. Os grandes impérios caíram: a Babilônia, o império Medo-Persa, o império Grego e o império Romano, mas o império de Cristo permanecerá eternamente. Só o reino de Cristo triunfará. Consequentemente, não precisamos ter medo quanto ao futuro, Deus já determinou o fim que é a nossa vitória em Cristo Jesus.

Assim, não é Satanás, ainda que seja chamado o príncipe deste mundo (Jo 12.31), mas é o Senhor Jesus que está assentado no trono que é digno de receber glória e honra e poder para sempre. Todavia, os únicos cidadãos desse reino são aqueles que creem e obedecem à voz de Cristo Jesus. Você já é cidadão desse reino?

# A HUMILHAÇÃO DE NABUCODONOSOR

## Para ler e meditar durante a semana

- D** – Pv 29.23 – O resultado da soberba; **S** – Pv 16.5 – O Senhor abomina o arrogante;  
**T** – Sl 19.13 – Uma oração contra a soberba; **Q** – Pv 8.13 – O temor do Senhor;  
**Q** – Pv 13.10 – A soberba e a contenda; **S** – Mc 7.20-23 – A origem da soberba;  
**S** – 1Jo 2.16 – A soberba e o mundo

## INTRODUÇÃO

1. O orgulho costuma cercar todas as pessoas. Como você lida com ele?
2. Por que o poder parece muitas vezes andar de mãos dadas com o orgulho?

O *orgulho* talvez seja a palavra mais destrutiva em qualquer idioma. Ele condenou Satanás e suas hostes malignas. Ele é destrutivo porque quebra o primeiro mandamento: (Êx 20.2). Deus é o único digno de louvor e adoração. Significa que ninguém, nem homens nem anjos, deve ocupar o lugar que pertence ao Altíssimo. Mas o orgulho leva ao homem a acreditar que é maior do que Deus.

Depois de conquistar Judá e capturar vários jovens talentosos (cap. 1), Nabucodonosor teve um sonho perturbador (cap. 2), que só foi descrito e interpretado por Daniel. O sonho revelava a soberania de Deus sobre as nações e o estabelecimento do reino de Cristo.

O capítulo 3 descreve a idolatria do rei Nabucodonosor e a integridade dos três amigos de Daniel, que não se prostraram diante da imagem que o rei havia erguido. Mesmo contemplando a libertação miraculosa realizada por Deus, ao que parece, o rei apenas manifestou uma expressão simbólica de louvor (Dn 3.28-29).

No capítulo 4, chegamos ao clímax de um tema repetido no livro, “Deus é

soberano sobre os reinos do mundo” (4.17). Neste capítulo, que trata da humilhação do rei Nabucodonosor, a mensagem é clara: Deus é proeminente, e ele não dará a sua glória a outro (Is 48.11).

## I. A RECEPÇÃO DO SONHO (Dn 4.1-18)

3. Em que época Nabucodonosor recebeu o segundo sonho?
4. Por que o rei ficou tão espantado com o sonho? Como ele reagiu a isso?
5. Por que o rei depositou a sua confiança nos sábios da Babilônia?

O capítulo 4, na realidade, é o testemunho de um rei pagão quebrantado diante da grandeza do Altíssimo. É uma grande doxologia por sua misericórdia. Os súditos de Nabucodonosor deveriam ler o édito e perceber o quanto era importante se devotar ao verdadeiro Deus. Mas o que causou a transformação de Nabucodonosor?

Deus enviou um sonho ao rei em uma época de paz e prosperidade (v. 4). O termo “tranquilo” significa livre de apreensão e medo. Seu reino, naquele momento, não tinha nenhum problema significativo. Tudo estava florescendo na Babilônia. Nabucodonosor se sentia seguro, mas era uma falsa segurança, semelhante à que Jesus cita na parábola do fazendeiro rico (Lc 12.15-21).

Em seguida, diante do sonho, sua vida mudou completamente. Ele sentiu que essa era outra revelação de Deus. O sonho parecia ser um mau presságio de uma catástrofe iminente. O rei ficou espantado e perturbado (v. 5). Então Nabucodonosor reuniu seus homens sábios, porém, mais uma vez, eles não foram capazes de interpretá-lo. Contudo, o rei sabia que apenas um homem poderia resolver o problema, Daniel.

Nabucodonosor concedeu um título de prestígio a Daniel: “chefe dos magos”. O termo “mago” significa o mais erudito, o mais sábio, o mais experiente, o mais talentoso. Daniel transformou-se em sinônimo de conhecimento e de sabedoria. Além disso, o rei declarou também: “eu sei que há em ti o espírito dos deuses santos” (v. 9).

Mas se o rei sabia que Daniel era o único que poderia livrá-lo de toda inquietação, porque ele não convocou o profeta antes? Ao que tudo indica, Nabucodonosor estava sempre tentando fugir de Deus, até que foi levado à força em direção ao Senhor.

Em seu sonho, a atenção do rei foi fixada em uma árvore. “eu estava olhando e vi uma árvore no meio da terra, cuja altura era grande” (v. 10). Árvores eram usadas com frequência nos tempos antigos para simbolizar grandes governantes (Ez 17.22; 31.3; Am 2.9). O sonho, aparentemente, não era tão complicado de se interpretar. O rei tinha poder, riqueza e glória, mas era incapaz de desvendar o futuro. Somente o profeta Daniel poderia ajudá-lo.

## II. A INTERPRETAÇÃO DO SONHO (Dn 4.19-27)

6. Descreva o sonho do rei Nabucodonosor.

7. Por que Daniel ficou em silêncio diante da revelação do sonho?

8. Por que Daniel advertiu ao rei para que se arrependesse?

O Eterno, mais uma vez, usou o profeta Daniel para ser “luz em meio às trevas”, pois o Senhor lhe revelou o significado do sonho. Todavia, o sonho e a revelação deixaram o profeta atônito (Dn 4.19). Ao contemplar as implicações do sonho, Daniel ficou chocado e em silêncio por algum tempo. O profeta sentiu o peso da mensagem que precisava transmitir, então foi corajoso e descreveu a Nabucodonosor a interpretação. Contudo, Daniel respeitosamente declarou que desejava que “o sonho fosse realizado contra os inimigos do rei” (v. 19). Mas por que a revelação deixou o profeta tão atônito? Daniel, então, explicou claramente o significado e os detalhes do sonho (v. 20-27).

**A árvore** – Representava Nabucodonosor e seu grande reino (v. 20-22). Deus, com frequência, usa o termo “árvore” para retratar um reino, por exemplo, em Ezequiel 31 e Mateus 13.31-32.

**Os animais e as aves** – Representam as outras nações que assim como os animais e as aves que se refugiam sob uma árvore e se alimentam de seus frutos procuram a proteção da Babilônia.

**O vigilante e o santo** – Era um anjo do Senhor designado para operar no reino babilônio. O anjo anunciou: “Cortai a árvore”, e isso queria dizer que o rei Nabucodonosor perderia o trono. A árvore seria cortada, e a cinta de ferro impediria seu crescimento.

**“Serás expulso de entre os homens, e a tua morada será com os animais do campo”** – A terceira parte da visão (v. 15b-16) deve ter sido ainda mais aterrorizante para Nabucodonosor. Ele se tornaria louco e viveria entre os animais. Sua morada seria

com as feras do campo. Ele seria encharcado com o orvalho do céu. Ele não teria mais capacidade mental. Além disso, essa situação duraria “sete tempos”. Ele permaneceria nesta condição até que reconhecesse que “o Altíssimo tem domínio sobre o reino da humanidade”.

Daniel advertiu o rei para que se arrependesse e mudasse seus caminhos. Afinal, Deus falara com o rei em duas ocasiões distintas, no sonho do capítulo 2 e no episódio da fornalha, no capítulo 3. É perigoso tapar os ouvidos para Deus. O arrependimento poderia prolongar o seu período de tranquilidade e o cancelamento da ameaça (v. 27).

### III. A CONCRETIZAÇÃO DO SONHO (Dn 4.28-37)

9. Quanto tempo o rei teve para se arrepender?
10. Por que o rei passou a viver com os animais?
11. O que significa o termo Altíssimo?

Deus concedeu um ano para Nabucodonosor meditar a respeito da admoestação e afastar-se de seus pecados, porém o rei não levou a sério a advertência divina (Dn 4.27). Ele estava andando no terraço de seu palácio observando a grande Babilônia, quando seu coração se encheu de orgulho ao contemplar tudo o que havia realizado. A Babilônia era a maior e a mais poderosa cidade da Antiguidade. Havia ruas largas, fortificações, numerosos edifícios públicos e terra suficiente para a agricultura e pastagem.

A cidade tinha uma muralha de 90 metros de altura, onde duas carruagens podiam correr lado a lado. Além disso, havia os jardins suspensos, considerados uma das sete maravilhas do mundo antigo, que Nabucodonosor construiu para alegrar o coração de sua esposa, a

Rainha Amyitis, que tinha saudades das montanhas verdejantes de sua terra natal.

Enquanto Nabucodonosor contemplava a sua grandeza, ele ouviu uma voz do céu repetindo a frase que Daniel havia pronunciado um ano antes: “Ó rei! Já passou de ti o reino... Serás expulso de entre os homens, e a tua morada será com os animais do campo; e far-te-ão comer ervas como os bois, e passar-se-ão sete tempos por cima de ti, até que aprendas que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer” (v. 31-32).

O termo “Altíssimo” aparece seis vezes no capítulo 4 de Daniel (v. 2,17,24-25,32 e 34). No entanto, a primeira vez que aparece na Bíblia é no livro de Gênesis, quando Abraão se encontra com Melquisedeque, o sacerdote do “Deus altíssimo” (Gn 14.18). Essa expressão significa que Deus governa, não apenas no céu, mas também na terra e é o mais elevado. Em Daniel 4, o rei Nabucodonosor, com toda a loucura da qual os seres humanos são capazes, declarou: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei?” (v. 30). Diante disto, Deus respondeu: “Isso é pecado eu não vou tolerar”, e o rei Nabucodonosor foi humilhado.

Em seguida, Nabucodonosor passou a viver com os animais, o seu corpo foi molhado do orvalho do céu, cresceram os cabelos como as penas da águia, e as suas unhas, como as das aves (v. 28-33).

### IV. A RESTAURAÇÃO DO SONHADOR (Dn 4.34-37)

12. Quando o rei foi restaurado da sua disciplina?
13. Quantos e quais foram os elogios que o rei fez acerca do Altíssimo?
14. Depois da disciplina, o que o rei disse acerca dos moradores da terra?

## 4

O SOBERANO CONTROLA  
TODA A HISTÓRIA

Daniel 7-12

## Para ler e meditar durante a semana

**D** – Ap 22.1-3 – A Nova Jerusalém; **S** – Sl 75.6-7 – Deus é juiz; **T** – Mt 24.21-22 – O cuidado de Deus; **Q** – Is 64.4 – Vale a pena esperar no Senhor; **Q** – Ml 3.16-18 – A diferença entre o justo e o perverso; **S** – Lc 10.20 – A alegria de pertencer a Deus;  
**S** – Ap 21.5-6 – Os moradores da Nova Jerusalém

## INTRODUÇÃO

1. Você já observou que algumas pessoas não saem de casa sem antes ler o horóscopo? Se você pudesse, o que diria a elas sobre isso?

Algumas pessoas são fascinadas com o futuro. Elas leem diariamente e fielmente o horóscopo nos jornais e revistas, outras procuram “especialistas” nas áreas de adivinhações como cartomantes e ciganas. Porém, todas essas tentativas de discernir o futuro são em vão. Somente nas Escrituras a verdade sobre o futuro pode ser encontrada.

O capítulo 7 de Daniel dá início à parte profética do livro. Nos capítulos de 1 a 6, encontramos muitas narrativas e pouca profecia (cap. 2). Porém, nos capítulos 7 a 12 encontramos muitas profecias e pouca narrativa. Além do mais, até o capítulo 6, Daniel interpretou os sonhos dos outros. Agora, Deus concedeu ao profeta visões extraordinárias acerca do futuro.

## I. A VINDA DO REINO DE CRISTO

2. Quantos e quais foram os animais que Daniel viu emergir do mar e o que eles representam?
3. Que reino simboliza o chifre do quarto animal?
4. Descreva a visão acerca do “Ancião de Dias”. Como Deus é descrito nessa passagem?

## A. Os reinos do mundo (Dn 7.1-7,15-23)

Daniel viu quatro ventos (norte, sul, leste e oeste) agitando o Mar Grande

(Mediterrâneo). O mar é uma figura bíblica muito usada para representar as nações do mundo (Is 17.12-13; 57.20; 60.5; Ez 26.3; Ap 13.1; 17.15). O profeta viu também quatro animais selvagens que representam “quatro reinos que subiam do mar” (Dn 7. 3-17).

*O primeiro animal era como leão e tinha asas de águia (v. 4) – símbolo do império da Babilônia, que na estátua de Nabucodonosor tinha a cabeça de ouro (Dn 2.37-38). Nas Escrituras, a Babilônia é identificada tanto com o leão quanto com a águia (Jr 4.7,13; 48.40; 49.19-22; 50.17; Ez 17.3,12; Hc 1.6-8).*

*O segundo animal era semelhante a um urso com três costelas na boca (v. 5) – Este animal simbolizava o império dos medos e persas que derrotou a Babilônia (Dn 5) e é semelhante aos braços e peito de prata da grande estátua de Nabucodonosor (2.39). As “três costelas” representam as conquistas persas da Lídia (546 a.C.), Babilônia (539 a.C.) e do Egito (525 a.C.).*

*O terceiro animal era semelhante ao leopardo com quatro asas (v. 6) – O terceiro animal corresponde ao império grego de Alexandre, o Grande. Alexandre conquistou seu vasto império em uma campanha veloz e gigantesca. Mas depois de sua morte, em 323 a.C., o reino se dividiu em quatro partes.*

*O quarto animal era “terrível, espantoso e sobremodo forte” (v. 7) – É seme-*



Após o período de “sete tempos”, o sofrimento de Nabucodonosor chegou ao fim. Retornando ao uso da primeira pessoa, Nabucodonosor descreve o que aconteceu no final do período de disciplina. Ele disse: “Levantei os olhos ao céu... Eu bendisse o Altíssimo, e louvei” (Dn 4.34). No momento em que a razão voltou ao rei, ele imediatamente elogiou o Altíssimo declarando: (1) ele é eterno, (2) seu reino é eterno e (3) a sua vontade é soberana tanto no céu como na terra. Ninguém pode “afastar sua mão” (impedi-lo). Ninguém tem autoridade para questionar as ações do Altíssimo (v. 34).

O rei aprendera a lição: *ele não era nada, Deus é tudo*. O versículo 17 afirma esse ensino com clareza: “O Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens”. O rei que havia procurado honra e glória, agora reconhece que o único que deve ser exaltado é o Eterno. Antes da disciplina, Nabucodonosor se considerava um grande homem com um grande reino, mas sua perspectiva havia mudado (v. 35) – e isso incluía o rei, que também confessou que o homem é responsável perante Deus (cf. Jô 33.12b-13; Is 29.16; 45.9; Rm 9.19-20). Agora Nabucodonosor reconhece a irresistível vontade de Deus e glorifica ao “Deus do céu”.

Mais adiante ele declara: “Fui restabelecido no meu reino, e a mim se me ajuntou extraordinária grandeza” (v. 36). Tendo sido humilhado, Nabucodonosor se levantou em maior honra do que ele havia conhecido quando andava orgulhoso (v. 37). Os verbos “louvo, exalto e glorifico” indicam uma ação contínua, sugerindo que Nabucodonosor passou a fazer essas coisas habitualmente. Esses verbos incorporam a ideia de reverência, admiração e adoração.

Por fim, Deus também restaurou o reino de Nabucodonosor. Os conselheiros que haviam administrado o império durante sua ausência, agora se dirigiam a ele buscando conselho e orientação, como o faziam antes. Em seguida, o rei proclamou sua confissão de fé (v. 37), governou brevemente como um rei temente a Deus e morreu pouco tempo depois, em comunhão com o Eterno.

Será que o rei Nabucodonosor foi verdadeiramente convertido? Seu próprio testemunho sugere fortemente que o caldeu agora adora somente o Altíssimo. Ele oferece três razões para louvar, honrar e exaltar ao Rei dos reis. Primeiro, as obras de Deus são verdadeiras. Segundo, os caminhos de Deus são justos. Ele faz o que é certo em todas as circunstâncias. Terceiro, o poder de Deus é ilimitado. Ele reconheceu que Deus resiste aos soberbos e dá graça aos humildes (Pv 3.34).

## CONCLUSÃO

Nabucodonosor supunha ter todos os motivos para se orgulhar da Babilônia. A construção dessa famosa cidade, com seus jardins suspensos, sua grande muralha e muitos templos, era uma de suas maiores realizações. No entanto, ele falhou por não reconhecer que nada disto teria sido possível fora da vontade soberana de Deus.

## APLICAÇÃO

15. Que lição você pode aprender com Daniel ao advertir o rei (o homem mais poderoso do mundo naquela época) a se arrepender?
16. Em que áreas de sua vida você é igual ao orgulhoso Nabucodonosor?
17. Se Deus abomina o soberbo, qual será a sua atitude diante deste estudo?
18. De que maneira você pode usar seus dons, habilidades, cargo e formação para ser um representante de Deus, como Daniel?

lhante às pernas de ferro e pés de barro da estátua de Nabucodonosor e representa o império Romano. Além disso, a quarta besta possui dez chifres. De acordo com o versículo 24, eles representam dez reis.

### **B. O reino de Satanás (Dn 7.8,11-12,21-26)**

O quarto animal possui um “pequeno chifre” (v. 8,11,24-26). Esta parece ser a primeira referência ao anticristo (2Ts 2.1-12). Porém o reino do anticristo não permanecerá para sempre, não importa quão terrível possa parecer, haverá um final (Dn 7.26).

### **C. O reino de Cristo (Dn 7.9-14,27-28)**

O reino mais importante é o reino de Cristo, pelo qual os cristãos anseiam cada vez que oram “venha o teu reino” (Mt 6.10).

5. O que significa a expressão “Filho do Homem”?

*O trono do Pai (v. 9-12)* – Daniel declara que o Ancião está assentado em um trono com rodas de fogo e lembra a descrição da glória de Deus que Ezequiel viu (Ez 1.4-28; Ap 4).

*O trono do Filho (v. 13-14,27)* – A expressão “Filho do Homem” é um título conhecido para nosso Senhor Jesus Cristo (Ap 1.13 e 14.14). O reino de Jesus Cristo triunfará sobre os reinos deste mundo e durará para sempre. Além disso, quando Daniel viu, Deus, o juiz, convocou o tribunal (cf. Dn 7.26) e os livros foram abertos. Os livros contêm o registro de cada pensamento, palavra e ação das pessoas não salvas.

### **D. A resposta de Daniel (v. 28)**

6. De acordo com Daniel 2.20-22, que verdades essa oração de louvor contém para aqueles que estão preocupados com o futuro?

Diante desta visão, Daniel ficou profundamente alarmado e perturbado e seu rosto empalideceu (Dn 7.28). Entretanto, o capítulo claramente nos ensina que a força bruta não permanecerá para sempre. Todo ditador político será substituído por outro, normalmente, por outro mais forte e cruel. Todavia, o reino de Deus vai durar para sempre.

## **II. A QUEDA DOS REINOS (Dn 8)**

O capítulo 8 é paralelo aos capítulos 2 (o sonho de Nabucodonosor) e 7 (a visão dos quatro animais). As duas visões se passaram na Babilônia. Daniel foi transportado pelo Espírito a Susã, assentou-se às margens do rio Ulai e ali recebeu a visão que estudaremos agora.

7. Quais tipos de criaturas Daniel viu e o que representam?

8. Quem ajudou Daniel a compreender o significado da visão?

9. Como a História confirma as declarações e descrições encontradas no capítulo 8 de Daniel?

### **A. A visão do carneiro: o Império Medo-Persa (Dn 8.3-4,20)**

Daniel viu um carneiro que tinha dois chifres. Os chifres eram enormes, mas o segundo se tornou maior. O carneiro representa o império que destruiu a Babilônia (Dn 5), o império dos medos e persas (v. 20). A união dos medos e persas criou um exército tão poderoso que nenhum dos animais podia resistir a ele.

### **B. A visão do bode: Alexandre, o Grande (Dn 8.5-8,21-22)**

Daniel também viu um bode que possuía um chifre no meio de sua testa. O bode representava “o reino da Grécia” (Dn 8. 21). Na imagem de Nabucodonosor,

a Grécia era retratada com o ventre e os quadris de bronze (2.32,39) e, na visão de Daniel, descrita no capítulo 7, era o leopardo, muito rápido, com quatro cabeças. Assim, nessa visão, a Grécia é um bode furioso correndo com tanta rapidez que seus cascos nem tocam o chão. O chifre é uma clara referência a Alexandre, o Grande (v. 5), que conquistou os persas na batalha do Rio Grânico em 334 a.C.

### C. O chifre pequeno: Antíoco Epifânio (Dn 8.9-14)

10. Como você poderia usar este capítulo (e suas profecias sobre Antíoco) para compartilhar a verdade sobre o fim dos tempos com alguém?

11. De que forma Antíoco foi morto?

O chifre pequeno simboliza um governante ímpio que se levantaria de um dos quatro reinos gregos, após um longo intervalo de tempo (Dn 8.23). É provável que esta seja uma profecia da carreira maléfica do rei grego Antíoco IV, um governante do reino selêucida de 175-164 a.C, conhecido como um dos tiranos mais cruéis da História. Antíoco fez cessar os sacrifícios e profanou o templo em Jerusalém, substituiu o altar judeu por outro a Zeus, sacrificando um porco sobre o novo altar. Entretanto, Antíoco foi morto sem o auxílio de mãos humanas (v. 25), ele foi morto não em combate, mas por uma súbita doença. Os atos terríveis de Antíoco IV predizem o que o anticristo fará (2Ts 2; Ap 13).

Daniel ouviu dois seres celestiais discutindo sobre “quanto tempo” esse mal terrível duraria. “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs” (Dn 8.14), e só então o templo será restaurado. A profecia cobriria todo o período de atividades blasfemas de Antíoco (6 de setembro de 171 a 25 de dezembro de 165/164 a.C.).

### D. A reação de Daniel

“Eu, Daniel, enfraqueci e estive enfermo alguns dias” (v. 27). O profeta ficou chocado da mesma maneira que qualquer um de nós ficaria se Deus nos desse uma visão de algum período futuro de grande sofrimento.

## III. A VISÃO DAS SETENTA SEMANAS

12. Qual foi a resposta de Deus à oração de Daniel? Explique-a.

Diante de sua agitação, Daniel busca a orientação divina por meio da Escritura e da oração. Ele medita no livro do profeta Jeremias (Dn 9.2) e após confessar os pecados (v. 4-11) apela à misericórdia do Senhor (v. 15-19).

Em resposta a esta oração, Deus concede a ele uma visão, na qual ele revela que o tempo do exílio foi prolongado, pois o povo ainda não havia se arrependido de seus pecados. Esta era a visão das setenta semanas. Nela Deus revelou uma das profecias acerca da vinda de nosso Senhor e Salvador.

Em hebraico, não temos a expressão “setenta semanas”, mas “setenta setes” que significam “quatrocentos e noventa anos. Os setenta anos de exílio (v. 2) são multiplicados sete vezes de acordo com o padrão das maldições pactuais (Lv 26.14, 21,24,28). Estas setenta semanas dos anos estão divididas em três subunidades de quarenta e nove anos (‘sete semanas’ Dn 9.25), quatrocentos e trinta e quatro anos (‘sessenta e duas semanas’ v. 26) e sete anos (‘uma semana’ v. 27).

Os intérpretes diferem sobre se essas subunidades devem ser vistas como uma sequência contínua ou como subunidades separadas por intervalos de tempo. Muitas tentativas têm sido feitas para entender

essa cronologia como um número preciso de anos, mas todas elas deixam de alcançar uma precisão devido ao fato de que esses números são tomados como números inteiros de períodos representativos de tempo. Embora os cálculos de Daniel não devam ser tomados como precisos, o padrão básico de sua predição pode ser compreendido sem cairmos em especulação. A ordem para reconstruir Jerusalém foi seguida de ‘sete semanas’, ou quarenta e nove anos (v. 25) na ocasião em que a reconstrução de Jerusalém foi completada (veja Ed e Ne). A reconstrução de Jerusalém foi seguida por ‘sessenta e duas semanas’, ou quatrocentos e trinta e quatro anos (v. 25), sendo que nesse tempo o Ungido foi morto (v. 26). A ‘semana’ única foi cumprida durante o tempo, ou perto do tempo do ministério terreno de Cristo (v. 27)” (*Bíblia de Estudo de Genebra*).

#### IV. UM FUTURO GLORIOSO (Dn 10.1–12.13)

13. Daniel 10.12 descreve a visão que o profeta teve sobre os “dias distantes” (cf. Dn 10.14). Explique-a.

14. Que lições podemos tirar desta visão?

15. Como a igreja deve lidar com as perseguições?

##### A. Uma visão extraordinária (Dn 10)

A visão foi concedida a Daniel no primeiro mês do calendário judaico “no terceiro ano do rei Ciro” (Dn 10.1), quando o povo celebrava a Páscoa, a Festa dos Pães Asmos e a Festa das Primícias (Lv 23.1-14). A descrição do homem glorioso se assemelha à descrição do Cristo glorificado que encontramos em Apocalipse 1.12-16.

Daniel estava orando havia três semanas, pedindo para compreender as visões que já tinha tido. Porém, o anjo disse que o Senhor não respondeu imedia-

tamente às súplicas porque o “príncipe do reino da Pérsia” (um ser espiritual maligno) havia atacado o anjo que levava a resposta. Esse anjo perverso havia sido incumbido de providenciar para que o rei da Pérsia fizesse aquilo que Satanás desejava. Mas o anjo que falava com Daniel, auxiliado por Miguel, o arcanjo encarregado de ministrar a Israel (Dn 12.1; Ap 12.7; Jd 9), venceu a batalha.

Esta revelação mostra que a nossa guerra é também espiritual, contra inimigos invisíveis. E estas batalhas espirituais afetam os acontecimentos sobre a terra. A Escritura afirma que “a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Ef 6.12).

A extensa revelação a respeito do futuro que Daniel recebeu é detalhada nos capítulos 11 e 12.

##### B. O Senhor da História (Dn 11)

O capítulo 11 descreve o curso da história palestina do tempo de Daniel até o tempo de Antíoco Epifânio. As referências dizem respeito: (1) v. 2 – aos quatro governantes que sucederam ao rei persa Ciro: Cambises (530-522 a.C.), Pseudo-Smerdis (522 a.C.), Dario I (522-486 a.C.), e Xerxes (486-465 a.C.); (2) v. 3-4 – a Alexandre, o Grande (336-323 a.C.) e a divisão de seu reino; (3) v. 5-20 – a relação entre os Selêucidas (“o rei do Norte”), que governaram a Síria, e os Ptolomeus (“o rei do Sul”), que governaram o Egito durante o período de 321-175 a.C.; (4) v. 21-35 – a carreira de Antíoco Epifânio (175-164 a.C.); (5) v. 32-35 – a revolta dos Macabeus contra Antíoco;

(6) v. 36-45 – ao Anticristo. É uma descrição das forças espirituais alinhadas contra o povo de Deus. No entanto, o texto termina com uma afirmação confortadora – “chegará o seu fim, e não haverá quem o socorra”.

### C. O fim dos tempos (Dn 12)

O anjo (Miguel), o protetor do povo de Deus, instruiu Daniel a selar a revelação até o fim dos tempos. Daniel, então, viu outros dois seres angelicais, em pé, junto ao rio (v.5), ambos estavam vestidos de linho. Um perguntou quando se cumpriria a revelação. O outro respondeu que “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” (v.7, provavelmente três anos e meio) passariam entre a quebra do poder de Israel e o cumprimento da visão. O versículo 11, aparentemente, dá uma medida mais exata desse período (1.290 dias). Porém, o significado da figura dada no verso 12 (1.335 dias) não é claro. Em conjunto com o verso 11, implica que haveria um período de 45 dias adicionais antes do cumprimento total da visão.

O significado desses períodos de tempo é obscuro. Porém, são mais bem compreendidos como um período simbólico de tempo que será encurtado quando Deus subitamente intervier, na consumação dos séculos. Enquanto isso não acontece, a igreja deve perseverar (Mt 24.42-51) na certeza de que seu Senhor não tarda e que ele mesmo, haverá de preservá-la diante das batalhas e abreviará os dias por causa dos seus eleitos (Mc 13.20).

### CONCLUSÃO

Neste estudo dos últimos capítulos de Daniel (7-12), é possível observar como Deus zomba do poder humano. Para o Altíssimo, o grande Império Medo-Persa nada mais era do que um carneiro,

a Grécia era apenas um bode, e Alexandre, o Grande, um chifre que seria quebrado com facilidade. Entretanto, o reino do Senhor Jesus Cristo difere de todos os reinos, como ele mesmo disse a Pilatos (Jo 18.36). O reino de Jesus triunfará sobre todo governo e autoridade humana e toda e qualquer demonstração do mal será destruída, e o reino de Cristo permanecerá pelos séculos dos séculos.

### APLICAÇÃO

16. De que forma você pode aprofundar a sua fé e devoção a Deus a fim de se preparar para o dia mal?

17. Se a Palavra de Deus é fiel, se o futuro dos filhos de Deus é glorioso, a partir de agora, como você vai reagir diante das perseguições?

18. A partir do que você aprendeu hoje, escreva três razões sobre por que vale a pena servir a Deus.

No último versículo do livro de Daniel está escrito: “Tu, porém, segue o teu caminho até o fim; pois descansarás e, ao fim dos dias, te levantarás para receber a tua herança” (Dn 12.13). Não importa o quão desesperada pareça a situação, não importa quão furioso Satanás se torne contra a igreja do Senhor, os crentes podem ter conforto em saber que a última derrota do nosso adversário é certa. Nas palavras do magnífico hino *Castelo Forte*, de Martinho Lutero, o inimigo já está derrotado:

*Se nos quisessem devorar*

*Demônios não contados,*

*Não nos iriam derrotar,*

*Nem ver-nos assustados.*

*O príncipe do mal,*

*Com seu plano infernal,*

*Já condenado está!*

*Vencido cairá*

*Por uma só palavra.*

(*Novo Cântico*, nº 155)

# 5

## ARREPENDIMENTO E REDENÇÃO

Joel 2.28-32

### Para ler e meditar durante a semana

**D** – Jl 1.1-12 – A praga dos gafanhotos; **S** – Jl 1.13-20 – Chamado ao arrependimento; **T** – Jl 2.1-11 – O juízo temporal sobre o povo de Deus; **Q** – Jl 2.12-17 – A possibilidade de restauração; **Q** – Jl 2.18-32 – A compaixão e a bênção de Deus; **S** – Jl 3.1-17 – Os inimigos serão vencidos; **S** – Jl 3.18-21 – A glória da consumação

### INTRODUÇÃO

1. Qual é a relação entre as tragédias que normalmente o planeta enfrenta e a desgraça anunciada por Joel?

Em 18 de abril de 2008, a BBC Brasil noticiou o ataque de gafanhotos em diversas regiões da Austrália, afetando especialmente o Estado de Nova Gales do Sul, destruindo a primeira colheita depois de um longo período de seca. Apenas uma, das diversas nuvens verificadas, media 170 metros de profundidade e seis quilômetros de comprimento. Pouco antes, em 19 de dezembro de 2007, a região norte do Quênia sofreu o pior ataque de gafanhotos de sua história.

Os cristãos compreendem que esses e outros são os dolorosos efeitos da queda e que a própria criação “geme e suporta angústias até agora” (Rm 8.22). A humanidade inteira sofre esses efeitos e nós “que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo” (Rm 8.23). No contexto do profeta Joel, porém, as tragédias mencionadas não foram um efeito comum da queda sobre a criação. Deus deu a ele uma revelação sobre o “Dia do Senhor” (Jl 1.15; 2.11). E o que significa esse “Dia do Senhor”?

Nesta lição, abordaremos o conceito de Dia do Senhor e estudaremos as promessas registradas em Joel 2.28-32 à luz da explicação inspirada de Pedro em Atos 2. Tentaremos entender não apenas o que ela significou para os judeus do século 9º a.C., mas também para os cristãos do Novo Testamento. Essa palavra profética nos auxilia a colocar em perspectiva não apenas a devastação dos gafanhotos e a seca em si, mas também a história como um todo.

### I. O DIA DO SENHOR

2. Qual é o significado de “Dia do SENHOR”?
3. Em que contexto Joel anuncia a profecia do derramamento do Espírito? (cf. Jl 2.19-27 e 3.1-15). O que o povo tinha de cumprir?
4. Qual o significado da profecia de Joel 2.28-29 para:
  - a) o povo do tempo de Joel
  - b) a igreja do Novo Testamento
  - c) a igreja de hoje
5. Explique a universalização da profecia presente em Joel 2.28.

Em Joel 1.15 o Dia do Senhor é apresentado no contexto da descrição que o profeta faz da terrível devastação que, segundo ele acreditava, prenunciava um juízo futuro ainda maior. Assim, nesse primeiro exemplo, tal como Amós (Am 5.18-20; cf. Sf 1.7-13), Joel declara que o Dia do Senhor é um dia de julgamento

contra o próprio povo de Deus. Do mesmo modo, Joel descreve no capítulo 2 o Dia do Senhor como um dia “terrível” (2.11), “dia de escuridade e densas trevas, dia de nuvens e negridão (2.2), um dia em que o Senhor liderará o seu exército contra Israel. Contudo, na segunda parte do livro, Joel concentra-se no Dia do Senhor como um dia de julgamento dos inimigos do povo de Deus, enquanto o povo de Deus será protegido e abençoado (Is 13; Jr 46–51; Ez 25–32). No Dia final do Senhor, as nações serão responsabilizadas pelos seus crimes contra o povo da aliança do Senhor e serão julgadas (Jl 3.2-16,19). Mas o povo da herança de Deus será protegido, bem como abençoado espiritualmente e fisicamente (2.28-32; 3.16-18,20-21).

Um segundo tema central presente no livro é o arrependimento. A chamada ao arrependimento é feita não apenas a um seleto grupo da comunidade da aliança, mas, pelo contrário, a todo o povo de Deus que foi chamado a voltar-se para ele: jovens e velhos, homens e mulheres, líderes e seguidores e até mesmo aqueles que pudessem ser considerados dispensados das responsabilidades comunitárias (por exemplo, as mães que amamentam e os recém-casados [Jl 1.13-14; 2.15-17]).

Joel conclama o povo a voltar-se para Deus com todo o seu ser. Esse arrependimento deveria ser manifestado externamente por meio de ações como, lamento, choro, clamor ao Senhor e jejum. Ele chamou ao arrependimento diante da praga do gafanhoto (1.13-14) e do ainda futuro dia do juízo (2.15-17). Contudo, as manifestações de arrependimento puramente exteriores ou rituais eram

inadequadas, e o Senhor convoca o seu povo a demonstrar a sinceridade do seu arrependimento voltando-se para ele de todo o coração (2.12-13). Joel também lembra o povo de Deus que a correta motivação para o arrependimento reside firmemente na natureza de Deus: “Ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em benignidade” (2.13). Deus é livre para exercer a sua soberana liberdade e graça em conceder perdão ao seu povo.

A profecia de Joel apresenta uma dificuldade de interpretação com respeito a uma de suas figuras centrais: os gafanhotos. Comentaristas de todas as épocas têm deparado com a questão de interpretar esses gafanhotos de maneira literal ou figurada. Embora a maioria dos comentaristas por toda a história tenha entendido os gafanhotos como símbolo dos inimigos futuros a maioria dos comentaristas modernos entende pelo menos os gafanhotos do capítulo 1 de maneira literal.

O fato é que Joel move-se rapidamente de uma descrição literal e notavelmente precisa de uma crise contemporânea envolvendo uma devastação promovida por gafanhotos, no capítulo 1, para uma descrição do temível exército do Senhor, semelhante a um enxame de gafanhotos, que mistura o literal e o figurado no capítulo 2. É possível que Joel tenha testemunhado uma devastação literal provocada por gafanhotos e tenha visto nesse acontecimento uma imagem da destruição que aconteceria no iminente Dia do Senhor. Isso pode tê-lo motivado a fazer uso da imagem dos gafanhotos para descrever os invasores que estavam para chegar.

## II. A PROFECIA DE JOEL E O DIA DE PENTECOSTE

O derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecoste, em cumprimento à promessa de Jesus, produziu nos discípulos um efeito que os demais presentes ao evento estranharam. Alguns ficaram perplexos, outros zombaram. Pedro toma a palavra para dar explicações, para apresentar Jesus, e começa citando o profeta Joel: "...o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão" (At 2.16-18; cf J1 2.28-29).

Pedro começa seu sermão citando a Escritura do Antigo Testamento. Ele pratica o que Jesus ensinou aos apóstolos, a saber, primeiro, citar a Escritura e depois mostrar seu cumprimento e aplicação. Pedro cita o profeta Joel, que prediz o derramamento do Espírito Santo, e explica que a profecia foi cumprida. Em suma, ele indica que a era dos últimos dias chegou. Pedro exemplifica o cumprimento da profecia de Joel quando fala com intrepidez à multidão, proclama o evangelho de Cristo e demonstra visivelmente que ele está cheio do Espírito Santo.

Os judeus presentes no Pentecoste sabiam que Joel profetizara a vinda do Dia do Senhor "nos últimos dias". Nesses últimos dias de cumprimento, Deus concede as suas bênçãos ao seu povo que se arrepende dos pecados. Esses dias inauguram a era messiânica na qual Deus derrama o seu Espírito sobre o seu povo.

"Derramarei o meu Espírito sobre toda a carne." Na profecia de Joel (2.28) o termo *carne* engloba homens e mulheres, jovens e velhos. Por semelhante modo em Atos, não há distinção alguma entre homens e mulheres. Ambos sofrem perseguições (At 8.3); ambos se unem à igreja (At 17.4,12); e ambos ensinam (At 18.26).

"Vossos filhos e vossas filhas profetizarão." Qual é o significado do verbo *profetizar*? Nos cenários do Antigo Testamento ele traz a conotação de predizer o futuro. No evento do Pentecoste, a previsão do futuro não está evidente. Outra interpretação é a de que *profetizar* seja equivalente a *pregar*. E por fim, profetizar pode significar engajar-se em louvor a Deus (veja 1Cr 25.3). Na igreja primitiva os profetas instruíam e exortavam o povo de Deus. Assim, Lucas registra que Filipe, o evangelista, "tinha quatro filhas solteiras que profetizavam" (21.9).

"Vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões." Como a Escritura testifica repetidas vezes, Deus se revela em profecias, visões e sonhos. O Antigo Testamento está repleto de exemplos de profecias e sonhos. O Novo Testamento também menciona sonhos (Mt 1.20; 2.12; 27.19). Em Atos são muitas as referências a visões (por exemplo, At 9.10,12; 10.3; 12.9; 18.9). Com o derramamento do Espírito Santo, todos os crentes, sem distinção de gênero, idade e posição social, recebem a sabedoria e a habilidade de conhecer a Deus (Jr 31.34; Hb 8.11).

"Até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias" (J1 2.29). A palavra *servos* sugere que Deus concede o seu Espírito a todas as classes sociais. Note que em Atos Deus os



reivindica como seus dizendo “meus” escravos. Muitos desses servos não eram judeus, mas gentios. Escravos gentios, homens ou mulheres, podem receber o Espírito e conhecer o Senhor. Isso fica evidente especialmente nas cartas do Novo Testamento (compare Ef 6.5-9; Cl 3.22-4.1; 1Tm 6.1-2; Tt 2.9-10; 1Pe 2.18-21). Deus derrama seu Espírito sobre os escravos, de modo que eles possam compartilhar dos dons espirituais.

O apóstolo Pedro continuou lendo na experiência do Pentecoste o cumprimento parcial da profecia de Joel: “... eu mostrarei maravilhas em cima no céu e embaixo na terra, sangue e fogo e vagalhões de fumaça. O sol se tornará em escuridão e a lua em sangue, antes que o grande e glorioso dia do Senhor venha. E acontecerá que todo o que clamar pelo nome do Senhor será salvo” (At 2.19-21).

“*E eu mostrarei maravilhas em cima no céu e embaixo na terra.*” Pedro cita a profecia de Joel (*Mostrarei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça*), mas não fornece sua explicação. Ele deixa de declarar que essa profecia foi, pelo menos parcialmente, cumprida na morte de Jesus na cruz quando as trevas tomaram conta da terra durante três horas (Mt 27.45). Naquela hora o sol não ficou mais visível e os sinais da natureza constituíam um testemunho eloquente da morte de Cristo.

Vale mencionar, porém, que o apóstolo citou em seu sermão “Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele” (At 2.22). Esses “milagres, prodígios e sinais” não estiveram presentes no Pentecoste, além das línguas

faladas milagrosamente, mas acompanharam todo o ministério de Jesus e a sua morte. De qualquer modo, uma parte do cumprimento ficou para depois, neste período final inaugurado com a morte, ressurreição e ascensão de Cristo. O derramamento do Espírito ocorreu também em Samaria (At 8.17), Cesareia (10.44) e Éfeso (19.6), mas em nenhuma dessas ocasiões o povo presenciou o sinal das línguas ocorrido em Jerusalém.

O profeta anunciou que os sinais e prodígios acontecerão “antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor, o que então ainda devemos aguardar, conforme a palavra do apóstolo Pedro mais tarde em sua segunda carta: “Virá... como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas” (2Pe 3.10); “... esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão” (2Pe 3.12). No Pentecoste Pedro citou a profecia de Joel, mas concentrou-se na morte, ressurreição e exaltação de Cristo (At 2.22-36), e não na sua volta. Já em suas cartas, escritas próximas ao fim de sua vida, o apóstolo delineia de forma bem distinta a volta de Cristo como uma doutrina fundamental da igreja (1Pe 5.4; 2Pe 3.4,10-13). Seguindo a linguagem de Joel, Pedro designa a volta de Cristo como “o dia do Senhor,” isto é, o dia do juízo. Para o incrédulo esse dia significa castigo eterno, mas para o cristão ele significa salvação na presença do Senhor.

“*E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo*” (Jl

2.32). Pedro usa o último versículo de sua citação da profecia de Joel como introdução de sua explanação do evangelho de Cristo (At 2.21-36) e Paulo cita esse mesmo texto em sua argumentação sobre a salvação (Rm 10.13). Pedro confronta o ouvinte individualmente com o evangelho de Cristo e lhe diz para invocar o nome do Senhor. Nesse ponto o ouvinte compreende que a palavra *Senhor* significa *Deus*, mas na conclusão de seu sermão, Pedro declara de forma bem patente que Deus fez Jesus “ambos Senhor e Cristo” (At 2.36). Quando o crente clama pelo nome do Senhor (compare com 9.14), ele invoca Cristo. Joel e Pedro anunciaram Jesus.

### III. CRISTO EM JOEL

O livro de Joel tem ocupado um lugar importante na vida da igreja. O Novo Testamento deixa claro que Jesus e seus seguidores conheciam os escritos de Joel, e sua influência está mais evidente nas passagens do Novo Testamento que falam dos últimos dias. Essas passagens baseiam-se nas imagens vívidas usadas por Joel para descrever o Dia do Senhor e a praga dos gafanhotos (por exemplo, Mc 13.24; Lc 21.25; Ap 6.9; 9.2). De igual importância são as promessas encontradas em Joel 2.28-32, citadas por Pedro como vimos acima e consideradas cumpridas durante o acontecimento do Pentecostes (At 2.16-21). Paulo também fez referência a essa profecia em Romanos 10.13, usando Joel 2.32 para embasar seu argumento de que “não há distinção entre judeu e grego” (Rm 10.12). A salvação é para todos, como declarou o profeta Joel: “E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (2.32).

### CONCLUSÃO

A igreja continua a considerar o ensinamento de Joel sobre o Dia do Senhor como uma importante fonte de esperança e conforto, por um lado, e uma palavra de advertência, por outro. Em momentos de aflição espiritual, os cristãos têm considerado consoladoras e inspiradoras as promessas em relação à bênção, à proteção e à defesa da comunidade da aliança do Senhor. Ao mesmo tempo, a descrição que Joel faz dos terríveis aspectos do Dia do Senhor tem servido como um lembrete da santidade e do julgamento de Deus como um chamado contínuo ao arrependimento pleno e à santidade de vida.

O grande Dia do Senhor apresentado em Joel é o dia da volta de Cristo, o dia em que ele julgará o mundo inteiro, lançando seus inimigos no inferno e abençoando com uma herança eterna nos novos céus e na nova terra todos aqueles que invocaram o seu nome.

### APLICAÇÃO

6. Considerando que você foi chamado por Deus, de que modo você se entrega a ele e à sua obra?

A essência da invocação do nome do Senhor é expressa em um belo hino composto por Joseph Hart (1712–1768):

Aventure-se nele,  
Aventure-se inteiramente;  
Não deixe que nenhuma outra  
crença se intrometa.  
*Come Ye Sinners Poor and Needy.*

Assegurados no amor de Deus, continuemos a invocá-lo de todo nosso coração.

# 6

Ageu 1.1-2.9

## O TEMPLO DE DEUS

*Exortação à sua reedificação e sua glória futura*

### Para ler e meditar durante a semana

**D** – Ed 1.1-11 – O decreto de Ciro; **S** – Ed 2.1-70 – Os que voltaram da Babilônia; **T** – Ed 4.1-24 – Os inimigos param a reconstrução; **Q** – Ed 5.1-15 – As exortações de Ageu e Zacarias; **Q** – Ed 6.1-22 – O decreto de Dario; **S** – Jo 1.1-14 – Cristo fez morada entre nós; **S** – Ef 2.11-22 – Cristo estabeleceu a paz

### INTRODUÇÃO

1. Em que contexto Ageu proferiu sua mensagem?

Ageu e Zacarias profetizaram ao povo que havia retornado do cativeiro Babilônico para Jerusalém, no século 6º a.C., com o fim de reconstruir o templo do Senhor, conforme as ordens de Ciro, rei da Pérsia (Ed 1.1). Ambos cooperaram para encorajar os judeus nessa tarefa (Ed 5.1).

O livro de Esdras relata as dificuldades na reconstrução do templo. Inimigos se levantaram e fizeram parar a obra durante dezesseis ou dezessete anos (Ed 4.1-4). Em 520 a.C., quando Ageu e Zacarias iniciaram seu ministério, sofreram oposição de Tetanai, que era governador persa daquém do Eufrates, que incluía a Palestina (Ed 5.3). Somente com a intervenção do rei Dario I, que governou a Pérsia de 522 a 486 a.C., reeditando o decreto de Ciro, foi que as obras recomeçaram e o templo foi reedificado em quatro anos (Ed 6.13-15). Em 12 de março de 516 a.C., o segundo templo foi consagrado (cf. *Bíblia de Estudo de Genebra*).

O livro de Ageu é composto de quatro mensagens, proclamadas provavelmente entre agosto e dezembro de 520 a.C. Essas mensagens tratam de questões relacionadas à obra do Senhor,

com as quais comumente nos deparamos. Por meio desta lição, poderemos analisar nosso procedimento como igreja, avaliando se temos demonstrado verdadeiro temor a Deus, ou se, como os judeus do tempo de Ageu, temos sido indiferentes e negligentes com a obra do Senhor.

### I. A NEGLIGÊNCIA DO POVO

(Ag 1.2,4,9)

2. Qual era a importância do templo? O que ele significava?

3. Que ordem de Deus o povo estava negligenciando? Por quê?

O templo não era determinante no relacionamento entre Deus e seu povo. Mesmo no cativeiro, longe do templo e privado dos sacrifícios, o povo podia se relacionar com o Senhor (Jr 29.12-14), pois Deus seria um santuário para o povo (Ez 11.16). Apesar disso, o templo tinha importante significado no processo da revelação de Deus:

- a) O Monte Sião, onde foi construído o templo, se tornou símbolo do trono do rei davídico, cuja dinastia seria para sempre (2Sm 7.16). Aqui há o desenvolvimento da esperança no Messias vindouro.
- b) Sião tinha sido escolhido pelo Senhor, como o lugar de seu descanso eterno. Dessa forma, o

santuário era “santificado para sempre” (Sl 132.13-14; 2Cr 30.8). São e, por conseguinte, o templo, simbolizavam o lugar da habitação de Deus.

- c) A honra do Senhor estava ligada à reconstrução do templo. As nações precisavam saber que o Senhor, Deus de Israel, não deixara de existir quando os israelitas foram expulsos da sua terra (Ez 37.26).
- d) Há uma estreita ligação entre o templo e a aliança de Deus, conforme expressa Ezequiel: “Farei com eles aliança de paz; será aliança perpétua. Estabelecê-los-ei, e os multiplicarei, e porei o meu santuário no meio deles, para sempre” (Ez 37.26).
- e) O templo era símbolo da presença de Deus com o povo e representava aquele que viria e habitaria entre eles, ou seja, Jesus Cristo (Jo 1.14-18).

De volta à terra prometida, os judeus receberam a ordem de Deus para reconstruir o templo, que seria o lugar da adoração e da comunhão. E a obediência do povo glorificaria o Senhor (Ag 1.8). Contudo, o povo negligenciou esta obra. Eles haviam abandonado a reconstrução do templo. Deste modo, o Senhor envia sua repreensão ao povo por meio de Ageu. Deus se apresenta como o “Senhor dos Exércitos”, ressaltando a sua autoridade e poder imbatível. Além disso, ele se refere aos judeus como “*este povo*” e não “*meu povo*”, o que mostra o seu descontentamento diante daquela situação.

Esta negligência não era por que o povo julgava desnecessária a reconstrução do templo e sim por que entendia que ainda não havia chegado a hora de se envolver com ela (Ag 1.2). As desculpas apresentadas, “podem ter sido econômicas, porque a terra passava por tempos de aflição (cf. v. 10-11), ou religiosas, pois de acordo com Ezequiel 37.24-27, o Messias construiria o templo” (cf. *Bíblia de Estudo de Genebra*).

Mas, se por um lado não havia envolvimento com a reconstrução do templo, por outro lado, havia motivação e aplicação de recursos para cada um atender e cuidar de sua própria casa (cf. Ag 1.4,9). Assim, o povo entendia que não era tempo de reconstruir a Casa do Senhor, mas de ter casas revestidas de luxo e conforto. Uma verdadeira inversão de valores e prioridades.

Tal situação não tem se repetido nos nossos dias? Não são muitos os que têm apresentado desculpas parecidas para não se envolverem com o reino de Deus? Temos nos envolvido com a edificação do corpo de Cristo ou estamos preocupados apenas com as nossas próprias necessidades?

## II. COLHENDO AS CONSEQUÊNCIAS (Ag 1.5-6,9-11)

4. Cite as consequências da negligência do povo.
5. O que Deus ordenou que fizessem? Por quê? (cf. v.5,7)
6. Quais lições podemos tirar destas consequências?

A negligência e indiferença do povo em relação à reconstrução do templo tiveram duras e amargas consequências. Como resultado e manifestação do desgosto e do reto juízo de Deus, o povo

não conseguia ter satisfação naquilo que fazia e não prosperava em seu caminho. Apesar de trabalhar tanto, o dinheiro se esvaia como farinha em saco furado. Esperavam muito, mas colhiam pouco. E esse pouco era dissipado (1.6,9). A estiagem não dava tréguas. Não havia satisfação nem progresso, apesar de se correr atrás deles. Tudo isso era consequência da desobediência do povo e efeitos da maldição da aliança (Dt 11.8-15; 28.29, 38-40; Lv 26.20). O próprio Deus estava frustrando seus esforços, pois ainda não haviam se arrependido e não estavam interessados em promover a glória divina.

Deus ordenou que considerassem o passado (1.5,7). À luz de sua história, o povo deveria refletir sobre a situação que estava vivendo. Deus estava falando pelas dificuldades circunstanciais e convocando à reflexão. “Refletir sobre os acontecimentos à luz da palavra de Deus é indispensável para o povo de Deus, se quiser saber o significado da sua orientação providencial nas coisas do dia-a-dia” (*Ageu, Zacarias e Malaquias – Introdução e Comentário*, Joice G Baldwin, Vida Nova e Mundo Cristão).

Temos aqui um princípio importante – só há satisfação na vida, se a glória de Deus estiver em primeiro lugar na lista de nossas prioridades. Não é à toa que em nossos dias as pessoas, por mais recursos que tenham ou busquem, vivem insatisfeitas e buscando ter cada vez mais. Não são poucos os crentes que se perdem, pensando que seguindo o curso deste mundo, vivendo uma vida abarrotada de trabalho, mas sem se dedicar devidamente à glória do Senhor, conseguirão alcançar satisfação e ter suas necessidades supridas. Se Deus não estiver no centro de nossas prioridades, todo esforço será inútil (Sl 127). Nossas

necessidades, as mais básicas, são supridas quando atendemos a ordenança de Jesus: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.33).

### III. UMA NOVA OPORTUNIDADE (Ag 1.4,7-8,12-15)

7. O que Deus exigiu que o povo fizesse imediatamente? (v. 8)

8. Como o povo respondeu a esta exigência?

A palavra do Senhor para um povo negligente com a sua obra era que se arrependesse e voltasse ao trabalho. A madeira deveria ser buscada e a Casa do Senhor edificada (v.8). As montanhas de Judá tinham árvores em abundância. Conforme Neemias 8.15, havia naquela região, oliveiras, palmeiras e outras árvores, que de modo suficiente davam condições para que a obra fosse realizada.

Embora o termo *arrepentimento* não apareça no texto, a atitude do povo ao atender a voz de Deus (v. 12), deixando a apatia e a indiferença, prova que estavam arrependidos. Como fruto do temor do Senhor, puseram-se ao trabalho. “Este temor contrasta com a indiferença despreocupada que os profetas pré-exílicos enfrentaram. A apatia diante das palavras de Deus é a evidência de ateísmo na prática. Eles ‘temeram’ no sentido de terem sido despertos pela voz de Deus”.<sup>1</sup> A pregação de Ageu produziu a resposta que Deus desejava.

Deus, por meio do profeta Ageu, disse que estaria com eles, encorajando-os ao trabalho (v. 13). Na verdade, todo encorajamento e motivação foram produzidos pelo agir do Senhor sobre eles (v. 14). Quando nos dispomos a cumprir

<sup>1</sup> BALDWIN, p. 33.

a vontade de Deus, ele mesmo nos ajuda, dando-nos encorajamento para tal.

#### IV. A PRESENÇA DE DEUS COMO ENCORAJAMENTO (Ag 2.1-5)

9. O que levou o povo a ficar desencorajado naquela obra?

10. O que Deus fez para motivá-los?

11. Como isso se aplica a igreja hoje?

Quando construído por Salomão, o templo possuía uma suntuosa aparência. No entanto, eles estavam percebendo que o novo templo era desprovido de esplendor e, portanto, inferior ao de Salomão. É possível que alguns dos que presenciavam e participavam da segunda construção tivessem testemunhado a glória e esplendor do primeiro templo (2.1-3). Essa constatação estava provocando desencorajamento (2.3). A segunda mensagem de Ageu não é de repreensão, mas de encorajamento para continuar a obra.

O Senhor encoraja os líderes e todo o povo, assegurando-os de sua presença com eles. O Senhor diz: “Eu sou convosco” (v. 4). Depois os lembra da aliança proferida na saída do Egito (Êx 33.14) e de que o seu Espírito habita no meio deles (Ag 2.5). Assim o povo é exortado a não temer, pois como o Senhor tinha sido com o povo no passado, da mesma maneira seria com ele no presente.

Além de encorajá-los, prometendo estar com eles, o Senhor os motiva proferindo uma ordem tríplice: “sê forte, Zorobabel”; “sê forte Josué”; “e tu, todo povo da terra, sê forte”. Ordem parecida foi pronunciada a Josué, sucessor de Moisés (Js 1.6,7,9). “A presença do Senhor e a sua força sustentadora garantem o sucesso final da empreitada do povo” (cf. *Bíblia de Estudo de Genebra*).

Os discípulos de Jesus receberam um encorajamento semelhante, que também se aplica à igreja de hoje. Ele disse: “No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16.33). Também, depois de transmitir sua grande comissão conclui: “Eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século” (Mt 28.20). No serviço do reino, contamos com a presença de Deus nos encorajando em todo tempo para podermos seguir adiante.

#### V. A PROMESSA DA BÊNÇÃO DE DEUS (Ag 2.6-9)

12. Que outra promessa Deus proferiu ao povo para motivá-lo? Explique-a. (cf. 2.6-9)

Deus continuou a motivar o povo naquela obra, pronunciando que abalaria toda a criação, manifestando um julgamento universal e final, e encheria de glória o seu templo.

No passado, no monte Sinai, o povo havia presenciado abalos, e deveria aguardar manifestações semelhantes no futuro. Como é característica das mensagens proféticas, a manifestação desse julgamento não deve ser entendida apenas como se referindo ao julgamento final, no retorno de Cristo Jesus, mas julgamentos que haveriam de se manifestar durante os séculos seguintes, até o aparecimento e manifestação do Messias e também no futuro mais distante, como em sua segunda vinda.

Devemos entender o cumprimento dessa profecia de maneira progressiva. Uma vez começado o abalo, haverá tempos de cumprimento parcial (cf. Ed 6; Zc 6). Um cumprimento posterior pode ser visto na renovação do templo por Herodes o Grande (cerca de 10 a.C.) e na reunião

dos gentios na era da igreja do Novo Testamento. Assim, seu cumprimento final pode ser visto na sujeição de todos os povos e nações ao reinado de Cristo e na entrega do reino ao Pai (cf. 1Co 15.24) – (*Revelação Messiânica no Velho Testamento*, Gerard Van Groninger, Cultura Cristã).

O Senhor promete a seu povo que a glória do segundo templo, será maior do que a do primeiro, pois o próprio Senhor o revestiria de glória. Essa profecia teria cumprimentos parciais e, de forma progressiva, no tempo de Herodes, o Grande, foram investidos recursos no templo. Mas o cumprimento se deu mesmo em Cristo, quando a sua presença encheu de glória o templo. Ele é o Emanuel, Deus conosco. Conforme João escreve, o Cristo se fez carne e veio fazer tabernáculo entre nós, de tal forma que sua glória, a glória do unigênito do Pai pode ser vista (Jo 1.14). Haverá um cumprimento definitivo, quando Cristo se manifestar finalmente a sua igreja (o novo templo de Deus, cf. Ef 2.21-22; 3.20-21) e a revestir plenamente de sua glória.

O Senhor promete paz: "... neste lugar, darei a paz" (Ag 2.9). Esta paz prometida, não se trata da cessação de guerras, mas da paz espiritual e do contentamento que só Deus pode conceder. Essa paz se refere àquela que Cristo veio estabelecer. Cristo é a nossa paz (Ef 2.4).

## CONCLUSÃO

O povo que retornara do cativeiro, e seus líderes, Zorobabel e Josué, estavam negligenciando a obra do Senhor com

respeito à reconstrução do templo. Alegavam que o tempo não havia chegado para reconstruir o templo, mas por outro lado, cada um se preocupava e se dedicava a sua própria casa, revestindo-a de conforto. Deus, por intermédio do profeta Ageu, repreendeu o povo, chamando a atenção deles para o que estava acontecendo, pois a insatisfação e as dificuldades econômicas e sociais eram manifestação de seu julgamento e desagrado. Zorobabel, Josué e todo o povo se arrependeram e começaram a trabalhar, mas ficaram desanimados com a simplicidade do novo templo, comparado ao primeiro, o de Salomão. O Senhor se dirigiu a eles novamente, e os encorajou a trabalhar, prometendo que estaria com eles e que o novo templo se revestiria de glória, superando a do primeiro. Prometeu a eles paz. Todas essas promessas se realizariam de forma progressiva, apontando para a vinda do Messias.

A mensagem de Ageu se aplica ao povo de Deus da atualidade. Aquelas promessas não tiveram sua plena realização. Elas se realizarão no futuro, na manifestação final de Cristo Jesus. O seu reino está se estabelecendo e somos todos convocados a participar de sua realização. A habitação de Deus, a sua igreja, está sendo edificada, e somos todos convocados a trabalharmos nela.

## APLICAÇÃO

13. Qual tem sido o seu envolvimento com o reino de Cristo?
14. Você tem se dedicado e priorizado em sua vida o reino de Deus e sua justiça, ou tem priorizado seus anseios pessoais?

# 7

## A MISERICÓRDIA DE DEUS SOBRE UM POVO PECADOR

Ageu 2.10-23

### Para ler e meditar durante a semana

**D** – Sl 103 – A misericórdia de Deus; **S** – Jr 7.1-15 – O templo não protege a nação iníqua;  
**T** – Sl 51 – Mudança e arrependimento genuínos; **Q** – Dn 2.31-49 – O triunfo do reino de Deus;  
**Q** – Sl 110 – O reino e o sacerdócio do Messias; **S** – Mt 24.29-31 – A vinda do Filho do Homem;  
**S** – Ap 6.12-17 – Céus e terra serão abalados

### INTRODUÇÃO

1. De que maneiras você vê a manifestação da misericórdia e da fidelidade de Deus em sua vida?

Na lição de hoje, estudaremos as duas últimas mensagens proféticas proferidas por Ageu. A despeito da distância de tempo que nos separa dos primeiros ouvintes dessas mensagens, elas são relevantes para os nossos dias, pois falam da misericórdia de Deus para com seu povo. Falam ainda da fidelidade de Deus em cumprir suas promessas pactuais, demonstrando que ele é inteiramente digno de nossa confiança e devoção. Essas promessas pactuais são válidas e estão em andamento em nossos dias e nos servem de encorajamento.

### I. A BÊNÇÃO DE DEUS PARA UM POVO PECADOR

Em sua terceira mensagem, Ageu se dirige ao povo de Deus inicialmente com uma mensagem de julgamento. Ele convoca a todos para meditar profundamente sobre a situação vivenciada antes da reconstrução do templo, uma situação de pecado. Em seguida ele fala sobre a bênção que Deus estava para conceder ao povo.

Ao que parece, os sacerdotes e todo o povo não haviam percebido a profundidade de seus problemas espirituais. Nessa mesma época, o profeta Zacarias profere a sua

primeira mensagem, convocando o povo para retornar ao Senhor (Zc 1.3-6).

**A. A infidelidade corrompe a obra de Deus (Ag 2.10-14)**

2. O que Ageu quis mostrar com as duas perguntas direcionadas aos sacerdotes sobre a lei?

3. Por que o mero cumprimento de preceitos bíblicos não é garantia de vitalidade espiritual? Exemplifique como isso pode acontecer hoje.

Ageu se dirigiu aos líderes espirituais que deveriam instruir o povo nos preceitos e serviço do Senhor citando a lei cerimonial mosaica. Ele fez duas perguntas sobre essa lei relacionadas à santidade e à impureza das ofertas. A partir das respostas, ele aponta para a realidade do povo e de suas obras aos olhos de Deus.

A carne oferecida como sacrifício ao Senhor se tornava santa (Lv 6.25). Parte dessa oferta era separada para o sustento do sacerdote (Lv 7.28-36). Essa carne, ao que parece, muitas vezes era carregada nas dobras da vestimenta dos sacerdotes. Caso essa carne tocasse em outro alimento, mesmo sendo santa, não transferia santidade aos que foram tocados. A resposta dos sacerdotes à primeira pergunta deixa claro que eles estavam cientes disso (Ag 2.12). Também sabiam que se alguém que estivesse impuro por tocar em alguma coisa impura, como um corpo morto, tocasse na carne santificada, essa oferta se tornaria impura (2.13).



Assim como a oferta santa não podia santificar nada pelo simples contato, mas a oferta santa se tornava impura pelo contato com algo impuro, assim era o povo e a obra que ofereciam para o Senhor. Para Deus, aquele povo e tudo que oferecia eram impuros (2.14). E não era a simples reconstrução do templo que iria santificá-los (cf. Jr 7.3-7). Eles deveriam entender que o Senhor exigia uma verdadeira mudança em seu coração que produziria mudanças exteriores, em suas ações.

Na igreja de Corinto, seus membros participavam da Ceia do Senhor, mas a simples participação não garantia a bênção dele. Muito pelo contrário, o fato de participarem sem cuidado algum, desprezando aquele momento solene, sem ser acompanhado de reflexão e exame pessoal, tornava-os indignos do Senhor e sujeitos à maldição (1Co 11.23-32). A mera satisfação de preceitos bíblicos não garante vitalidade espiritual. Exercícios religiosos, biblicamente adequados, podem ser canal de bênção, quando acompanhados de um coração sincero e compungido, mas a sua prática meramente mecânica não tem efeito. Jesus condenou os fariseus justamente por agirem assim. Muitos em nossos dias fazem o mesmo: frequentam os cultos, participam dos sacramentos, mas apenas exteriormente, não como fruto de uma mudança e transformação interior. Isto não atrai o favor de Deus, mas a sua ira e descontentamento.

Por meio da mensagem do profeta Ageu, o Senhor estava chamando seu povo à reflexão, apelando a todos que meditassem profundamente sobre a situação. Deus faz o mesmo hoje por meio dessa mesma mensagem. Ele nos chama à reflexão sobre a maneira como temos oferecido o nosso serviço a ele.

### **B. As consequências da infidelidade**

(Ag 2.15-17)

4. O que o povo deveria fazer antes de prosseguir com a reconstrução do templo?
5. Quais foram as consequências da infidelidade do povo?

O Senhor lança luz à situação em que o povo vivia até aquele momento, deixando claro que tudo era consequência de pecado e de negligência. Antes de se arrepender e atender a ordem do Senhor, o povo judeu enfrentava escassez de alimento (cf. 1.6,9-11) como manifestação do desagrado do Senhor. A retenção da bênção, ou a maldição enviada sobre o povo, era demonstração do reto juízo de Deus, manifestado por essas ocorrências que afetavam a produção agrícola (Dt 28.15-24; Am 4.9). O profeta Malaquias também se refere às pestes e à falta de chuva afetando a colheita como manifestação do juízo de Deus (Ml 3.9-11).

No caso da igreja de Corinto, a negligência para com a Ceia do Senhor resultava em maldição também, em disciplina da parte de Deus. Havia na igreja pessoas doentes, fisicamente e espiritualmente, e alguns até haviam morrido por causa disso (1Co 11.30-32). Esse quadro é suficiente para chamar nossa atenção quanto à necessidade de considerarmos seriamente a nossa participação adequada no serviço do Senhor.

### **C. Deus promete abençoar seu povo**

(Ag 2.18-19)

6. O que Deus prometeu apesar do pecado do povo?
7. A graça de Deus supera o pecado e a corrupção de seu povo. O que isso significa para você?

Depois de olhar para trás, a mensagem de Ageu conclama o povo a olhar para frente, para o que Deus estava para fazer. Apesar do pecado do povo, da negligência do passado, Deus promete abençoá-los. Isto fica claro no verso 19. O Senhor promete fazer com que aquela situação de escassez mudasse. Ageu diz que não havia semente no celeiro e a videira, a figueira, a romeira, e a oliveira não davam seu fruto, mas anuncia uma colheita abundante.

Considerando o que havia sido dito acerca da falta de santidade e impureza (2.10-14), aqui temos a promessa de que o Senhor seria favorável ao povo e, por sua graça, Deus os aceitaria. A reflexão que havia sido proposta (2.10-14) pretendia levar o povo a entender que somente o favor de Deus poderia torná-lo aceitável.

A graça de Deus supera o pecado e a corrupção de seu povo. Conforme o salmo 103, o Senhor é misericordioso e por isso não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. O Senhor não nos trata segundo os nossos pecados, mas conforme a sua misericórdia e graça (Sl 103.8-12).

No caso da igreja de Corinto, Paulo também anuncia a disposição do Senhor em abençoá-los, apesar de seus pecados. Paulo propõe que cada um se aproxime da mesa do Senhor e participe dela, depois de um autoexame. Reconhecendo seus pecados e obtendo o perdão por meio de Cristo, tornavam-se aptos para participar da Ceia. Se a inobservância dos critérios para participar adequadamente da Ceia do Senhor gerava maldição, a participação adequada produzia a bênção de Deus.

## II. A PROMESSA DE VITÓRIA

8. A quem a quarta mensagem foi proferida? Que implicações essa mensagem trouxe?
9. De que modo Ageu descreve o juízo de Deus sobre as nações? (cf. 2.20-22)
10. Quando seria o cumprimento desta mensagem? Justifique.
11. Qual foi a promessa de Deus a Zorobabel e como seria seu cumprimento?

A quarta mensagem é proferida por Ageu no mesmo dia em que a terceira. Essa mensagem faz referência novamente a abalos cósmicos e a destruição do poderio das nações, assim como foi mencionado na segunda mensagem (2.6-7). Diferente das outras, essa é dirigida exclusivamente a Zorobabel. É claro que as implicações dessa mensagem redundarão em bênção para todo o povo de Deus e ainda tem implicações para todo o cosmo. Mas o que Ageu profere teria seu cumprimento nos seus dias ou estaria falando do futuro?

### A. O juízo de Deus sobre as nações (Ag 2.20-22)

Ageu traz uma mensagem semelhante à do profeta Daniel sobre o estabelecimento de um reino que jamais seria destruído (Dn 2.44; 7.27). Ageu anuncia que Deus fará abalar o céu e a terra. Em seguida explica que os tronos, as sedes dos governos e todo poderio militar serão destruídos e tornados inúteis (Ag 2.22). Será semelhante ao que aconteceu na libertação do povo de Israel do Egito, quando cavalos, carros e cavaleiros foram destruídos (Êx 15.1-5) e como Sodoma e Gomorra foram destruídas (Gn 19.21, 25, 29; Dt 29.23; Is 13.19). Homens cairão um pela espada do outro, a semelhança do que ocorreu entre os midianitas nos dias de Gideão (Jz 7.22).

Embora fosse aguardada a realização desta mensagem naqueles dias, ela teria cumprimento posterior. Ela foi apresentada numa linguagem apocalíptica, falando do fim dos tempos, assim como outros profetas fizeram (Jl 2.30-33; Is 2.4). É verdade que na época de Ageu houve revoltas e sublevações no Império Persa, acontecimentos relacionados às dificuldades enfrentadas por Dario, para manter seu império em paz e unido. É claro que esses acontecimentos serviram para ajudar o povo judeu na compreensão da mensagem proferida por Ageu. Mas o céu e a terra não estavam sendo abalados naqueles dias. E embora a situação internacional não estivesse calma, os tronos e os reinos não estavam sendo abalados, nem tão pouco cavaleiros com seus cavalos, os carros e os que neles andavam estavam sendo exterminados. Dessa maneira, essa mensagem está falando do futuro, do Dia do Senhor, ocasião em que Cristo se manifestará para julgar todos os governantes e todas as nações. Só então essa mensagem terá o seu cumprimento pleno. No livro do Apocalipse, temos a alusão a esse dia, ocasião em que terra e céu serão abalados e todos os governantes da terra julgados (Ap 6.12-17; 11.15-19; 16.17-21).

A mensagem de Ageu é confortadora, pois anuncia que Deus está no controle de tudo, e que chegará o dia em que todos serão submetidos a seu governo soberano. Deus reafirma, por meio de Ageu, que suas palavras são verdadeiras e que seu plano soberano anunciado pelos profetas anteriores, como Daniel, ainda está de pé e se cumprirá no futuro. Essa mensagem chega até nossos dias. As promessas de um reino eterno e duradouro ainda não se concretizaram. É verdade que esse reino já está presente, mas chegará um dia em que todos se submeterão a ele.

### **B. A entronização do governante de Deus (Ag 2.23)**

A mensagem de Ageu também retoma a promessa pactual do Senhor feita a Davi, a respeito de seu descendente que reinaria para sempre (1Sm 7.12-17). Zorobabel era descendente de Davi e, por meio dele, Deus manteria a sua promessa.

A mensagem dirigida a Zorobabel dizia que ele era o escolhido de Deus, e que seria elevado a uma posição de grande autoridade, a uma posição real. O anel de selar era usado para representar a coroa, ou o trono. O selo do anel era usado para autenticar documentos e aplicar a autoridade do reino a que o anel se referia. José recebeu de Faraó o seu anel, evidenciando que ele estava revestido de autoridade real (Gn 41.42). O Senhor estava declarando que Zorobabel era o seu escolhido para realizar o seu propósito. Porém, assim como a primeira parte da profecia não se realizou no tempo de Ageu, a promessa a Zorobabel também não teve seu cumprimento pleno naqueles dias. Ele, embora fosse governador de Jerusalém, não foi elevado ao status de rei. Mas Zorobabel serviria ao propósito de Deus?

O Senhor chama Zorobabel de “servo meu”. Esse é um título messiânico, ou seja, referente ao Messias que haveria de vir. “Esse termo hebraico é usado para se referir a homens que têm posição messiânica e cumprem atividades redentoras: Abraão (Gn 26.24); Moisés (Nm 12.7,8; Dt 34.5; Js 1.2,13,15); Josué (Js 5.14; 24.29; Jz 2.8); Samuel (1Sm 3.9,10); Davi (2Sm 3.18; 7.5,8; 1Rs 8.23,24)”.<sup>1</sup> Esses eram tipos, representações do Messias que haveria de vir, ou seja, Cristo Jesus.

<sup>1</sup> Van Groningen, Gerard. *Revelação Messiânica no Antigo Testamento*. Editora Cultura Cristã.

Isaías utilizou esse título para falar daquele que era representado por meio desses homens, isto é, o Servo, o Messias de Yahweh (Is 42.1; 43.10; 49.6-7; 52.13; 53.11). Nisto está a importância de Zorobabel, pois ele deve ser considerado mais do que um governador nomeado pelos persas. Ele é o servo de Yahweh, um verdadeiro representante de Cristo. Por meio de Zorobabel, Deus apontava para a continuidade de sua promessa a Davi, afinal de contas, Zorobabel representava a linhagem messiânica, da qual nasceria o Salvador, o Messias, o Cristo de Deus. Não é à toa que Zorobabel aparece na genealogia de Jesus.

A profecia de Ageu teria seu cumprimento na chegada do Messias, no nascimento de Cristo Jesus. O Senhor Jesus é aquele que se assenta no trono de Deus, por meio de quem a visão é completada. Acerca de Jesus Cristo, o anjo faz o seguinte anúncio a Maria: “este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim” (Lc 1.32-33).

Deus é fiel às suas promessas. O pacto estabelecido no passado perdura até os dias de hoje e até o fim dos tempos. Assim como o Senhor cumpriu as suas promessas feitas no tempo de Ageu, enviando o Messias, do mesmo modo, tudo quanto está prometido será realizado. Cristo Jesus se manifestará uma segunda vez, completando as promessas redentivas.

## CONCLUSÃO

12. Qual o conteúdo da terceira e quarta mensagens de Ageu ao povo?

Na terceira mensagem proferida por Ageu, o Senhor aponta para a impureza do seu povo, convocando cada um a reflexão e autoexame. Apesar de estarem reconstruindo o templo, isto não garantia

ou fazia deles mais dignos de sua presença. Os pecados anteriormente cometidos, tais como sua negligência com a obra do Senhor, comprometiam a obra que realizavam. Mas o Senhor manifesta sua misericórdia, prometendo abençoá-los dando uma abundante colheita, para suprimento de suas necessidades.

Na quarta mensagem, o Senhor continua a revelar o seu cuidado e que seu propósito redentivo será levado adiante. O Senhor repete promessas feitas no passado, acerca do juízo que trará sobre todas as nações e deixa claro que seu pacto com Davi, acerca do Messias vindouro, está em andamento.

As palavras do profeta Ageu nos servem de encorajamento e nos motivam a confiar no Senhor. Assim como aquele povo, apesar de nosso pecado, somos sempre alvo da misericórdia de Deus. Em sua Palavra, o Senhor está sempre nos lembrando de que suas promessas são fiéis e verdadeiras e de que o pacto que estabeleceu com seus servos no passado está em andamento e se concretizará no futuro, completando seu plano eterno da redenção.

## APLICAÇÃO

13. As promessas de Deus levam encorajamento a você? Por quê?

Práticas religiosas como ir à igreja, participar dos sacramentos, ouvir a pregação da palavra, podem ser canais de bênçãos em nossa vida, porém uma conformação apenas exterior a essas práticas não garante o favor divino. Como você tem feito uso desses meios? Eles têm sido acompanhados de uma mudança genuína? Quanto aos outros temas abordados nesta lição, tais como a misericórdia de Deus e suas promessas redentivas, que diferença têm feito em sua vida?

# 8

Zacarias 1.7-17

## A VISÃO CONSOLADORA

### Para ler e meditar durante a semana

**D** – Zc 1.1-6 – O convite ao arrependimento; **S** – Zc 1.7-17 – O homem entre as murteiras;  
**T** – Zc 1.18-21 – Os quatro chifres e os quatro ferreiros; **Q** – Zc 2.1-5 – O homem com a corda de medir; **Q** – Zc 2.6-13 – Cante e alegre-se, ó Sião!; **S** – Zc 3.1-10 – As vestes limpas para o sumo sacerdote; **S** – Zc 4.1-5 – O candelabro de ouro e as duas oliveiras

### INTRODUÇÃO

1. No cenário em que vivemos hoje, o que seria uma visão consoladora para a igreja? Por quê?

Para prosseguir firme, uma igreja precisa ser motivada por uma visão consoladora. Não apenas a igreja como instituição, mas nós, individualmente, assim como nossa família, precisamos disso. A visão consoladora produz salvação. Lemos no profeta Isaías: “Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra; porque eu sou Deus, e não há outro” (Is 45.22). A visão consoladora ilumina e nos livra de vexame: “Contemplai-o e sereis iluminados, e o vosso rosto jamais sofrerá vexame” (Sl 34.5). Para enfrentarmos as lutas cotidianas, para irmos em frente animados, precisamos de uma visão consoladora, uma visão que nos informe e, ao mesmo tempo, transforme, que nos torne melhores crentes.

Zacarias teve uma visão assim. Ele viveu no 6º século a.C. e estava entre os judeus que voltaram do cativeiro. Aquele povo tinha um passado sofrido, havia padecido várias décadas sem consolação (Lm 1.2, 9). Agora precisavam reconstruir a vida em meio às ruínas. Enfrentavam fraqueza (humilhação política sob a Pérsia), pobreza e indiferença (o império lutava em

outras frentes e não tinha tempo para a pequena nação de Judá). A reconstrução do templo, paralisada por dezessete anos, havia sido retomada havia um ano. Apesar da animadora profecia de Ageu, proferida pela última vez cerca de dois meses antes, alguns estavam desanimados. Naquele contexto, Deus deu uma visão a Zacarias, e foi uma visão consoladora.

O que Deus mostrou fez grande diferença na vida das pessoas daquela época e também na vida do povo de Deus no transcorrer dos séculos. De modo muito especial, é preciso enfatizar que as verdades desta visão de Zacarias repercutiram nos corações de nossos pais reformadores. E não apenas isso. Se você estudar esse tema atentamente, se o Espírito de Deus ministrar ao seu coração por meio desta lição, você também desfrutará dos benefícios desta visão consoladora. O que Deus mostrou a Zacarias? Naquela visão o Senhor mostrou três verdades simples e maravilhosas.

### I. DEUS FALA

2. Explique o que é a fala de Deus.
3. Qual a importância da Palavra de Deus para nós?
4. O que significa a expressão *Sola Scriptura*?
5. Quanto você tem se aplicado em ouvir a Deus? Ler e meditar na Palavra de Deus tem sido uma prática em sua vida?

A fala divina é histórica (Ag 1.7), é uma intervenção. Deus toma a iniciativa de vir até nós por meio de sua Palavra. Ele fez isso no passado usando os profetas. Em seguida ele falou, plenamente, por meio de seu Filho Jesus Cristo, o Verbo de Deus, a Palavra encarnada (Jo 1.1; Hb 1.1-2). Os apóstolos do Novo Testamento explicaram a pessoa e o ministério de Cristo. Estabeleceu-se, assim, o alicerce e fundamento da igreja (Ef 2.20; Ap 21.14).

O que é tudo isso? Deus fazendo intervenções na história humana, Deus falando. E quando Deus fala, coisas começam a acontecer. Notemos que esta fala é uma revelação (Zc 1. 7-8). O que lemos não é uma reflexão de Zacarias, não se trata de meditação religiosa, muito menos de um exercício de “imaginação” do profeta. Deus enviou sua Palavra (v. 7). O fato é que Deus concedeu oito visões noturnas a Zacarias, e esta é a primeira delas.

Sendo assim, a fala de Deus, a voz de Deus que chega a nós pela Palavra é externa a nós. Vem do Senhor, de fora de nós. Não é algo que inventamos, não é produto da igreja, mas uma dádiva à igreja. Deus presenteou sua igreja com a Palavra, com as Escrituras, com o evangelho. Hoje temos os livros do Antigo e do Novo Testamento e não precisamos de novas revelações, mas precisamos e muito, a cada dia, que o Espírito Santo torne viva sua Palavra a nós, individualmente, às nossas famílias e a toda a igreja.

A Palavra é meio de graça. É muito importante que entendamos isso. Nascemos espiritualmente pela Palavra. Somos sustentados pela Palavra. Somos consolados pela Palavra. Somos alertados e protegidos pela Palavra. Somos santificados pela Palavra. A Palavra é

“perfeita e restaura a alma” (Sl 19.7). A Palavra escrita nos leva até a Palavra Encarnada que é Jesus Cristo (Rm 10.17).

Deus fala. O povo no tempo de Zacarias precisava ouvir a mensagem de Deus, no momento da crise, a Palavra de Deus veio. Todos nós precisamos da Palavra de Deus. Geração após geração, nós precisamos da Palavra de Deus. Sem a fala de Deus, a igreja se corrompe em superstições, idolatrias e falsas concepções, sem ela ser compreendida, desfrutada e praticada, a igreja morre.

Por isso os reformadores dos séculos 16 e 17 disseram: *Sola Scriptura* – somente a Escritura. Para sermos salvos e santificados precisamos somente da Bíblia aplicada com poder pelo Espírito Santo de Deus em nosso coração. Essa é a primeira verdade dessa profecia de Zacarias.

## II. DEUS GOVERNA

6. Qual a semelhança entre a visão de Zacarias e as visões do livro de Apocalipse? O que devemos fazer para compreendê-las?
7. Qual é a segunda verdade revelada na visão de Zacarias?
8. Que implicações esta verdade traz para nossa vida?

Há uma grande semelhança entre essa visão de Zacarias e as visões do Apocalipse. Ezequiel e Zacarias são os profetas mais citados naquele livro de João. Estamos, então, diante de símbolos, figuras enigmáticas que transmitem uma mensagem espiritual que não é fácil de entender. Jerônimo, um tradutor da Bíblia do início da Idade Média, afirmou que Zacarias era um livro “muito obscuro”, difícil de entender. Por isso, assim como fazemos quando lemos o Apocalipse, precisamos prestar atenção nas figuras, sem forçá-las, sem tentar “escavar”

significados que não existem. O que quer dizer essa visão de Zacarias? Simplesmente isso: *Deus governa*.

Compreendamos isso a partir de alguns detalhes da visão. Zacarias vê “um homem montado num cavalo vermelho [...] entre as murteiras” (v. 8). Apesar de ser descrito com a palavra “homem”, notamos se tratar de um ser misterioso com características sobre-humanas, que lidera um grupo de cavaleiros montados em cavalos de cores diversas. Deus *envia* os cavaleiros e eles *prestam relatório* depois de “percorrer a terra”: “toda a terra está, agora, repousada e tranquila” (v. 10-11).

A cor vermelha de alguns cavalos pode significar a proximidade de guerra, talvez o “repouso” ou “tranquilidade” do v. 11 seja breve. Mais, de acordo com o v. 12, tudo o que havia ocorrido com Judá era resultado da “indignação de Deus”, uma disciplina que durava sete décadas. O grande fato por detrás de toda essa movimentação é: Deus *sabia* o que se passava em toda a terra e, especificamente, em Judá. Ele é *onisciente e soberano*.

O povo, no tempo de Zacarias, precisava se lembrar disso. No momento da crise nós precisamos nos lembrar dessas palavras. Nos momentos de sucesso temos de nos lembrar disso também. Deus sabe de tudo, ele comanda os exércitos de anjos e a história. Esse é o título preferido do profeta Zacarias ao se referir a Deus: Senhor dos Exércitos, aquele que comanda os anjos e as galáxias. *Não há coincidências nem acasos; tudo se encaixa em seu plano perfeito*. Se isso é assim, a salvação depende dele, ele salva a quem quer, quando quer e utilizando o meio que ele mesmo estabeleceu. Nossa vida, nossas famílias e a igreja dependem dele. Além disso, tudo

coopera para nosso bem, até aquele desconforto ou tribulação que nos tira o sono e a paz (Rm 8.28).

Todos nós precisamos saber que *só Deus reina*. Geração após geração, precisamos compreender e reafirmar o seu governo. Sem a noção dessa soberania, nossas famílias caminham pensando que elas ditam seus próprios destinos. Imaginamos que somos nós que “fazemos” e “acontecemos”. Assim a igreja corrompe sua mensagem e suas práticas. Ela começa a idolatrar pessoas, líderes da religião, e passa a confiar em métodos mais do que em Deus. Ela desanima da oração e perde toda possibilidade de verdadeira consolação, não sabendo mais lidar com o sofrimento e as provações.

É por isso que os reformadores disseram: *sola gratia* (somente a graça), *sola fide* (somente a fé concedida soberanamente pelo Espírito Santo) e *solí Deo gloria* (glória somente a Deus). Toda a salvação e consolação decorrem da vontade de Deus, de modo que *somente ele é glorificado*. Não apenas Deus fala, ele também governa. Essa é a segunda verdade transmitida na visão de Zacarias.

### III. DEUS RESTAURA

9. Que resposta Deus deu a oração de seu anjo? E o que ela indica?

10. Que papel o anjo do Senhor desenvolve? Que relação existe entre este anjo e Jesus Cristo?

Deus restaura, e isso é provado pelos v. 13-17. Notemos que ele “respondeu” (Zc 1.13). Há aqui uma interação maravilhosa. O profeta recebe a visão, e eis a figura do “homem montado no cavalo vermelho”. Surgem os personagens fundamentais, o “anjo do Senhor” que

ora e o Senhor que responde (v. 12-13). Em tudo isso, vemos o Deus da Bíblia: pessoal, presente e que interage conosco.

Vejam os conteúdos de sua resposta: “palavras boas, palavras consoladoras” (v. 13). O vocábulo traduzido por “consoladoras”, indica que Deus trata seu povo com “compaixão”, ele sente dentro dele mesmo as dificuldades, as dores e a lutas de seus filhos. Os detalhes dessas “palavras” divinas são fornecidos nos vs. 14-17: Deus cuida de seu povo como o esposo de sua amada. Ele zela “por Jerusalém e Sião” (v. 14). Nesses termos, ele mesmo enfrentará seus inimigos (v. 15).

Além disso, Deus tem misericórdia de seus eleitos. Tanto a cidade quanto o templo serão novamente edificadas (v. 16). Ele ainda os supre de bens, consolo e confirmação de seu amor (v. 17). Dito de outro modo, ele não os trata com dureza indefinidamente, ele tem compaixão, ele tem boas intenções. Ele restaura.

Olhem melhor para este “anjo do Senhor”. Em suas próximas leituras do Antigo Testamento, observe as referências a esse “anjo”. Veja os detalhes dos diálogos aqui em Zacarias 1.9-17. No v. 8, Zacarias diz: “Tive uma visão”. No v. 9, ele pergunta: “Quem são estes?”. Ele fala com o anjo do Senhor, a quem chama de “meu Senhor” (v. 9). O anjo do Senhor, responde: “Eu te mostrarei quem são eles” (v. 9). Daí o “homem que estava entre as murteiras” fala (v. 10) e, em seguida, os outros cavaleiros também respondem (v. 11), mas todos estes respondem ao anjo do Senhor e não diretamente a Zacarias. Mais, esse anjo do Senhor ora diretamente ao “Senhor dos Exércitos” (v. 12) e este responde ao anjo (v. 13). Então o anjo do

Senhor dá instruções ao profeta (v. 13-14,17). O que está acontecendo aqui? Esse anjo do Senhor faz o papel de Mediador. O que isso quer dizer? Deus restaura, mas esta restauração é anunciada depois da intercessão do Mediador (v. 12). *O trabalho do Mediador precede a restauração.*

Como será que os primeiros ouvintes de Zacarias entenderam isso? Considerando a linguagem obscura da profecia, é possível que eles tenham se agarrado ao ponto central da mensagem: Deus está garantindo a reconstrução de Jerusalém e do templo. Nós, porém, olhamos o texto como cristãos. Lemos sobre esse anjo que intercede por Judá ao Senhor dos Exércitos (v. 12) e ligamos isso à palavra do apóstolo: “... há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1Tm 2.5). Esse anjo do Senhor é uma personificação do Senhor Jesus Cristo, único e suficiente salvador e restaurador dos eleitos de Deus. Daí afirmarmos que *sem o Senhor Jesus Cristo não há salvação, muito menos restauração.*

Deus restaura. O povo no tempo de Zacarias precisava ouvir isso. No momento da crise, eles receberam razão para a esperança. Foram apresentados ao Salvador presente, pessoal e transbordante de amor (v. 14), ao Deus que se “volta com misericórdia” (v. 16), anima com promessas (v. 16), “consola” (v. 17) e “escolhe” (v. 17). E tudo isso no contexto da intercessão do Mediador (v. 12).

Todos nós precisamos de restauração. Geração após geração, necessitamos experimentar que Deus restaura. Os antigos chamavam isso de vivificação, ou avivamento. Não um avivamento de



barulho ou desvio doutrinário, mas de revitalização pela Palavra de Deus aplicada com poder no coração. Sem a graça de Deus, a igreja murcha. Precisamos da bendita operação de Deus em nossas almas todos os dias. Precisamos de reforma, precisamos de restauração de tempos em tempos. E temos de nos lembrar de que somente Deus realiza essa obra.

Vivificação ou restauração é obra do “bendito Salvador”, nosso Senhor Jesus Cristo. Por isso nossos pais espirituais disseram: *Solus Christus* (somente Cristo). Os que se santificaram na história da igreja são importantes, e há boas tradições na igreja, mas “somente Cristo” pode restaurar. A igreja existe por causa de Cristo e para Cristo; ela existe nele e para a glória dele. Diante do Cordeiro de Deus, ela se prostra e nada ou ninguém é mais atraente, magnífico, amável e digno de honra, atenção e louvor do que Cristo (Ap 5.13-14).

## CONCLUSÃO

Zacarias profetizou e o povo soube que não estava sozinho. Deus conhece tudo, ele está presente dizendo à igreja que continuará conduzindo cada passo daqui pra frente. Graciosamente, ele confirmará sua eleição e bênção sobre aqueles que pertencem a ele. De que modo você coloca em prática a sua glorificação ao Senhor?

## APLICAÇÃO

11. De acordo com a lição de hoje, é possível termos esperança, mesmo diante das dificuldades que a igreja enfrenta em nosso tempo? Por quê?

Deus fala. Peça a ele que fale com você por meio das Sagradas Escrituras iluminadas pelo Espírito Santo. Busque ao Senhor e suplique que ele intervenha em sua vida fornecendo direção, esclarecendo as coisas, endireitando seus caminhos, criando vida e repreendendo o mal. Peça perdão por todas as vezes em que você ouviu e fingiu que não ouviu a sua Palavra — *ouvimos e entendemos, mas não atendemos*. Abandone a sua teimosia. É preciso pedir a Deus que cure a sua surdez (Sl 40.6).

Deus governa. Suplique ao Senhor que manifeste as marcas de sua soberania em você. Que “seja feita” a vontade de Deus “assim na terra como no céu” (Mt 6.10). Que seja feita a vontade dele e não a sua (Mt 26.42). Dobre-se à autoridade e domínio do Senhor. Saiba que você não pertence a você mesmo (1Co 6.19-20). Abandone hoje, agora mesmo, todo orgulho e autossuficiência, e renda-se ao Senhor, pois ele governa.

Deus restaura. É possível começar de novo. Não seja rotulado de forma determinante pelos erros de outrora. Desfrutando do evangelho você não deve repetir os pecados do passado. É possível, pela graça de Deus, por meio de Cristo e no poder do Espírito Santo edificar coisas novas.

# 9

Zacarias 3.1-10

## A RESTAURAÇÃO IMPLICA PURIFICAÇÃO

### Para ler e meditar durante a semana

**D** – Zc 4.6-10 – Pelo Espírito de Deus; **S** – Zc 4.11-14 – Ungidos para servir;  
**T** – Zc 5.1-4 – A maldição sobre toda a terra; **Q** – Zc 5.5-11 – A mulher dentro do efa;  
**Q** – Zc 6.1-8 – Os quatro carros e o sumo sacerdote; **S** – Zc 6.9-15 – A coroação de Josué;  
**S** – Zc 7.1-14 – A contínua hipocrisia de Jerusalém

### INTRODUÇÃO

1. Você reconhece sua carência espiritual?  
O que isso gera em sua vida?

O relacionamento de um casal deteriorou a ponto de chegar à agressão. Os filhos estavam desorientados e os cônjuges consideravam a possibilidade do divórcio. Uma colega de trabalho da esposa os convidou para participar de uma reunião cristã. Depois de algumas semanas ouvindo as pregações, Deus deu a eles a graça de nascerem de novo e conhecerem Cristo como único e suficiente Salvador e Senhor. Consequentemente, mudou o modo como tratavam um ao outro e como educavam os filhos. Meses depois, em uma reunião de grupo familiar, o esposo compartilhou que procurou a igreja pensando em melhorar seu casamento, mas, com o tempo, viu que sua necessidade real era de perdão dos pecados, comunhão com Deus e santificação.

Há uma diferença entre necessidade real e sentida. Deus bondosamente nos ajuda a enxergar, por detrás da confusão de percepções e sentimentos, nossa carência espiritual mais profunda. Ele fez isso com os crentes da época do profeta Zacarias. No contexto da mobilização para a retomada da construção do templo de Jerusalém, eles precisavam ter uma

ideia de seu verdadeiro estado. Além disso, era importante que entendessem que começara uma nova etapa do trato pactual. Os “setenta anos” da indignação divina passaram e eles tinham de seguir adiante.

Esta lição aborda a quarta visão de Zacarias, cujos personagens são, primeiramente, Josué, o Anjo do Senhor e Satanás (v. 1), além do próprio Deus, o Senhor (v. 2). São apresentados ainda os “que estavam diante dele”, provavelmente seres angelicais ou espirituais (v. 4) e o profeta: “disse *eu*” (v. 5). No v. 8 temos os “companheiros” que se assentam diante de Josué e o “servo, o Renovo”.

Do que a igreja precisa? Essa pergunta abre espaço para diversas respostas. Neste trecho do livro de Zacarias, Deus confirma sua aliança destacando três necessidades, todas elas ligadas à restauração. Essas carências são comuns ao povo de Deus ao longo da história e podemos dizer que somos espiritualmente saudáveis na medida em que as reconhecemos e suplicamos a Deus que as supra para sua glória.

### I. PRECISAMOS SER DEFENDIDOS

2. Quem era o sumo sacerdote Josué?
3. Descreva com suas palavras a quarta visão de Zacarias e explique o que ela revela sobre a nossa realidade.

A quarta visão de Zacarias revela um homem de Deus precisando de ajuda (Zc 3.1). Tratava-se do sumo sacerdote Josué. Ele é chamado de Jesua em Esdras 2.2. Seu nome significa Jeová (ou Javé), e é encontrado de três formas na Bíblia: Josué (hebraico); Jesua (aramaico) e Jesus (grego). Ele retornou com Zorobabel da Babilônia e recebeu a incumbência de ajudar a reconstruir a nação de Judá (Ne 7.5-7).

O modo como Esdras 3.2 é redigido dá a entender que ele esteve à frente da retomada do culto entre os que voltaram do exílio. A expressão “teus companheiros que se assentam diante de ti” (Zc 3.8) pode indicar que ele, como sumo sacerdote, se reunia com os outros sacerdotes e os conduzia. Essa visão apresenta, portanto, *um líder espiritual sob ataque*. Mais do que isso, considerando o ofício de Josué, cabe afirmar que Deus demonstra interesse no bem-estar e restauração do sacerdócio.

Atualmente não temos o sacerdócio nos mesmos moldes do Antigo Testamento. Nosso Senhor Jesus Cristo exerce com perfeição este ofício “segundo a ordem de Melquisedeque” (Hb 5.1-10). Entretanto, assim como os judeus tinham Josué como ministro de seu tempo, a igreja possui uma liderança. Enxergamos aqui o cuidado de Deus com seus pastores, oficiais e líderes em geral. Por fim, não é impróprio incluir todos os crentes na aplicação dessa profecia, uma vez que uma das funções de Josué como sacerdote era representar o povo que, nos termos da aliança, era “sacerdócio real” (Êx 19.5-6; 1Pe 2.9-10; Ap 1.6). O fato de isso ser relatado nesta visão demonstra que a garantia da saúde sacerdotal tinha relação com a restauração de Judá. Isso é verdade tanto para aquela época quanto para a igreja de hoje.

O texto impressiona ao mostrar o sacerdote diante do Anjo do Senhor sofrendo oposição de Satanás. O que ocorre por detrás da história? Enquanto lutamos no dia a dia, qual é a nossa posição e situação diante de Deus? A profecia responde: estamos diante de Deus sofrendo oposição de Satanás. Isso não é novidade na Bíblia. Trata-se de uma atualização da experiência de Jó (Jó 1.6-12; 2.1-7) e antecipação do quadro mostrado em Apocalipse 12.10. Precisamos nos lembrar disso: *O serviço na casa de Deus precisa ser completado e estamos sob ataque*. Somos alvo de conspiração ou, nas palavras de Paulo, “maquinações” ou “ciladas do diabo” (Ef 6.11) diariamente.

O primeiro ato de Deus nessa cena é *repreender Satanás* (Zc 3.2). O Altíssimo defende os que pertencem a ele. O Senhor faz isso por causa de seu amor livre e soberano demonstrado no decreto da eleição. Deus mesmo afirma que “escolheu a Jerusalém” (v. 2; cf. Zc 1.17; 2.12). O vocábulo hebraico *bahar*, usado com frequência pelos escritores pós-exílicos, indica que, a despeito da disciplina divina, os crentes podem estar certos de que Deus não os abandona. *Este povo aparentemente em frangalhos e desvalorizado diante dos homens é eleito de Deus*. Outra ideia recorrente é a do *remanescente*. Josué é um remanescente, um “tição tirado do fogo” (v. 2). Deus não permite que seu povo seja destruído, ele sempre preserva alguns. Em suma, a visão confirma que, assegurados pela eleição, somos defendidos pelo Todo-Poderoso.

Tudo isso ocorre *somente pela graça*. Qual é a ação de Josué aqui? Qual é a responsabilidade da igreja aqui? Com o que

contribuímos aqui? Qual é a lição sobre “batalha espiritual” que temos? Josué não precisou repreender, amarrar ou declarar nada. É bem possível que ele sequer soubesse o que ocorria nos bastidores. Deus venceu o opositor soberanamente. O que cabe a nós é orar diariamente por proteção. Daí a súplica ensinada por nosso Redentor: “... não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal” (Mt 6.13). Intercedamos uns pelos outros para que o Deus vivo nos defenda e cubra com assistência graciosa.

## II. PRECISAMOS SER PURIFICADOS

4. Qual a relação entre a oposição de Satanás e o pecado de Josué?
5. Quem Josué representa, estando com as vestes sujas? Quem age para a limpeza e purificação?

Há uma relação entre a oposição de Satanás e o pecado de Josué. Isso é indicado pelas expressões “vestes sujas” (Zc 1.3) e “iniquidade” (v. 4,9). O termo hebraico que é traduzido por “iniquidade”, quer dizer “toda a disposição pecaminosa que produz culpa”. Não apenas a ação, mas a motivação má que precede os atos. Jesus falou sobre isso em Mateus 5.27-28.

O pecado compromete o sacerdócio. O ofício sacerdotal deve ser realizado em santidade (Êx 28.36-38). O pecado ofende a Deus e exige a morte do ofensor. Por essa razão eram oferecidos os sacrifícios do Antigo Testamento (Lv 1.1–7.21). A própria cerimônia de consagração do sacerdote destacava a importância da pureza não apenas ritual, mas espiritual (Lv 8.1-36). O sacerdócio exige purificação.

Josué é mostrado diante de Deus com vestes sujas (Zc 1.3). Um fato estranho, mas, infelizmente, frequente. Trata-se de uma experiência dos eleitos:

o desconforto, o senso de indignidade e a súplica por arrependimento. Ainda assim, *diante de Deus*. Como crentes, reconhecemos que todos os dias fazemos isso. Acordamos dizendo para nós mesmos: “Hoje é o dia da consagração, hoje vencerei o pecado, hoje direi ao mundo que sou crente”. Quando a noite chega suplicamos por perdão, certos de nossa pecaminosidade e indignidade. Nós nos dobramos *diante de Deus*, pois esperamos no evangelho (Sl 103.1-5; Rm 8.35-39).

Todos os assegurados pela eleição são purificados por Deus. O Anjo do Senhor ordenou “aos que estavam diante dele” (Zc 1.4), ou seja, provavelmente a outros anjos, que retirassem as vestes sujas e as substituíssem por limpas (v. 4-5 – “o vestiram com trajes *próprios*”). O que é “próprio”, adequado ou pertinente aos crentes? Vestes limpas, pureza (Mt 5.8). Essa parte da visão nos remete a Isaías 6.6-7 e prepara o terreno para a belíssima parábola do Pai perdoador que veste o filho indigno com “a melhor roupa” e celebra sua salvação (Lc 15.21-24). Mais, temos aqui uma antecipação das “bodas do Cordeiro”, quando a igreja vestirá “linho finíssimo”, providenciado pelo amoroso Redentor (Ap 19.6-9).

A purificação ocorre *somente pela graça*. Josué não participou de nenhuma “campanha”, muito menos queimou papéis com anotações de seus pecados em uma “fogueira santa” ou fez boas obras a fim de se tornar “credor” do perdão divino. Ele *recebeu* favor imerecido. *Deus é quem purifica*. Se Josué e o povo por ele representado possuíam alguma coisa, eram “vestes sujas”. A constatação disso deve nos motivar a repetir a súplica: “... perdoa-nos as nossas dívidas, assim como

nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mt 6.12). A saúde de nossas almas exige o reconhecimento diário de que precisamos ser purificados. Intercedamos uns pelos outros para que o Deus vivo nos acolha e purifique por graça.

### III. PRECISAMOS SER SANTIFICADOS

6. Que exortação e promessas o Anjo do Senhor dirigiu a Josué? (v. 6-10)

7. O culto a Deus deve ser celebrado de acordo com o que cada um “sente no coração” ou há especificações bíblicas para sua realização? Explique.

Além de defendidos e purificados, temos de ser santificados. A maneira como o Anjo do Senhor se dirigiu a Josué chama nossa atenção (Zc 3.6). Ele “protestou”, ou seja, *mandou e advertiu solenemente* (este é o sentido da palavra utilizada na *Bíblia Hebraica*). O que vem a seguir não é mera sugestão ou objeto de negociação. Josué recebeu uma ordem *absoluta e inquestionável*. As promessas dos v. 7-10 são dadas no contexto desta solene exortação: o sumo sacerdote tinha de “andar nos caminhos” e “observar os preceitos”, ou seja, *a eleição garante tanto o perdão quanto a santificação* (Ef 1.4).

“Andar nos caminhos” equivale a, positivamente, “sujeitar-se ao caráter e intenções de Deus”, seguir a trilha estabelecida pelo Altíssimo. Negativamente, a instrução implica “rejeitar qualquer coisa que coloque em perigo esta sujeição”. Caso notemos que determinada prática, hábito ou comportamento faz com que nos desviemos da orientação divina, temos de rejeitar isso.

Observar os “preceitos”, tem o sentido de “observar os rituais sacerdotais”, o culto prescrito. Josué precisava adorar a

Deus corretamente. Essa advertência pode soar estranha a alguns que separam a santificação do aspecto formal do culto. Ainda que seja errado cultuar a Deus apenas cerimonialmente (Is 1.10-17), também o é fazê-lo desconsiderando as sagradas prescrições (2Cr 35.6). A liturgia tem sido abordada como um *método* para atrair pessoas, adaptável para se tornar agradável ao homem. Sem isso, *dizem*, a igreja deixa de ser viva, relevante e missional. Nesta profecia de Zacarias, porém, Deus afirma que os “preceitos”, os regulamentos bíblicos do culto, devem ser observados e *isso tem relação com santificação*. Nosso Senhor não pode ser adorado segundo os enganos do coração ou invenções de Satanás.

As ordens divinas são acompanhadas de promessas: autoridade no templo e acesso à sublime presença de Deus (Zc 3.7). Josué poderia “julgar” e “guardar” os átrios da casa de Deus. Ele administraria as coisas do santuário que seria reconstruído. Além disso, ele desfrutaria de uma comunhão rica com Deus em meio aos anjos.

Como isso seria possível? Graças à obra do Messias, o “servo, o Renovo” (v. 8). Apesar de não existir consenso sobre o significado da parte inicial do v. 9, que fala sobre a “pedra única” sobre a qual “estão sete olhos”, a parte final do versículo – “tirarei a iniquidade desta terra, num só dia” – aponta para a obra de Cristo consumada na cruz. Isso garante tanto o que foi dito no v. 7 quanto a promessa do v. 10: paz, aprazimento e bênção completa. Aquilo que Deus realiza na vida de Josué, nessa visão, remete a “toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais” providenciada pelo Redentor (Ef 1.3).

A santificação ocorre *somente pela graça*. Ainda que reconhecemos que Josué foi exortado a se santificar, precisa ser dito que ele não poderia oferecer a Deus algo que ele possuísse em si mesmo e sim aquilo que recebera do próprio Deus. Os crentes podem agradecer a Deus somente porque desfrutaram da obra do “Renovo”. A graça produz uma resposta, ou melhor, um “fruto” (Gl 5.22-26). Por isso oramos: “santificado seja o teu nome; venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.9-10). Nossa saúde espiritual exige o reconhecimento de que precisamos ser santificados e que a *única e suficiente* fonte dessa santificação é Cristo (1Co 1.30-31). Intercedamos uns pelos outros para que Deus nos santifique (1Ts 5.23).

## CONCLUSÃO

8. Qual é a maior carência que as pessoas possuem? De que modo podemos levá-las a enxergar isso?

Na lição anterior aprendemos que Deus fala, governa e restaura. Agora entendemos que essa restauração implica sermos defendidos, purificados e santificados. Isso precisa ser afirmado nestes tempos em que se ouve falar muito de restauração das finanças ou de outra área qualquer da vida, e muito pouco do evangelho verdadeiro.

Em sua providência, Deus usa problemas para que sejamos despertados (certamente há quem testemunhe de como veio a Cristo por causa de uma dificuldade). Não percamos de vista, porém, que, muito mais do que uma solução de nossos problemas imediatos, o evangelho bíblico propõe a restauração de nossa comunhão com Deus por meio da pessoa e obra de Cristo. Antes de retomar a obra de reconstrução do templo, os crentes do 6º século a.C. precisavam experimentar isso. Não é diferente hoje.

Vejam os ainda que a restauração é *iniciada no sacerdócio*. Isso aponta para a igreja como um todo. O que fazemos para Deus deve ser santificado. Quando se esquece disso, a igreja morre. Por causa do pecado, trabalhos que foram pujantes no passado hoje estão de portas fechadas. O cristianismo definha quando o ministério não é santo. Judá sabia disso; a nação amargara sete décadas de desterro por causa do pecado. Nessa profecia de Zacarias, Deus convoca seu povo para um *novo começo*.

## APLICAÇÃO

Deus providencia tudo de que necessitamos para o sacerdócio; ele nos defende, purifica e santifica. Olhem para Cristo e experimentemos do evangelho. Como você pode se consagrar mais a Deus e ao seu reino? Você pode elaborar um planejamento pensando nisso?

# 10

Zacarias 4.1-14

## A BELEZA E O PODER DOS HUMILDES COMEÇOS

### Para ler e meditar durante a semana

D – Zc 8.1-23 – A restauração de Sião; S – Zc 9.1-8 – Deus vinga-se do seu povo;  
T – Zc 9.9-13 – O rei de Israel chega a Jerusalém; Q – Zc 9.14-17 – O aparecimento do Senhor;  
Q – Zc 10.1-3 – O Senhor cuidará do seu rebanho; S – Zc 10.4-11 – O Senhor estará com seu povo; S – Zc 11.1-3 – O juízo do Senhor

### INTRODUÇÃO

1. Em sua igreja há projetos que foram iniciados e depois abandonados? Por que isso aconteceu?

O coração bate diferente quando participamos de grandes eventos. Um show em um ginásio lotado, um programa de TV assistido por milhões de expectadores ou uma conferência em um hotel cinco estrelas com preletores internacionais, tais coisas têm o potencial de elevar o nível de adrenalina. Por outro lado, quem se anima a comparecer a uma reunião frequentada por poucas pessoas? Quem se entusiasma a palestrar para uma plateia humilde? E quem continua alegre em um campo missionário, depois de anos com poucos resultados?

Apostar no vencedor, mais do que um hábito de quem joga, é, às vezes, uma filosofia de ministério. Tal ideia é defendida misturando palavras bíblicas com outras extraídas do mundo dos negócios. Investe-se onde há fruto e fecha-se qualquer trabalho que não produz a contento. Sejamos honestos. Teríamos disposição para contribuir com um projeto de construção cuja obra foi interrompida pouco depois de ser começada, permaneceu paralisada por quase duas décadas e agora está sendo retomada pelo mesmo líder que a iniciou?

2. Muitas vezes nos vemos desanimados, chegando até a dizer que queremos “largar tudo”. Por que você acredita que esses momentos de desânimo acontecem?

3. Quando você percebe que precisa encontrar motivação, que atitudes costuma tomar?

### I. A NECESSIDADE DE MOTIVAÇÃO

Os crentes da época de Zacarias viviam exatamente a situação de ter de retomar a obra que havia sido paralisada. É possível que tanto eles quanto o administrador do empreendimento, Zorobabel, estivessem desanimados. Ele era o “governador” autorizado pelos persas a administrar Judá, não como nação independente, mas como província imperial (Ag 1.1). Ele descendia diretamente de Davi e, por meio dele, veio o Cristo (1Cr 3.1-19; Mt 1.12-17; Lc 3.27). Sendo assim, Zorobabel foi o *agente messiânico* daquele estágio de implementação do pacto (cf. 2Sm 7.12,16).

Seria ele um líder arrojado? Um escrito do judaísmo exalta sua figura: “Como fazer o elogio de Zorobabel? Ele é como um selo na mão direita” (Eclesiástico 49.11, *Bíblia de Jerusalém*). Apesar desta menção honrosa, tudo indica que ele foi no mínimo discreto. Ao lermos os livros de Esdras e Neemias, é possível termos a impressão errônea de que ele foi

menos influente do que Neemias. O fato é que ambos, Zorobabel e seu sucessor Neemias, foram importantes, cada um cumprindo aspectos diferentes do desígnio divino. Zorobabel participou do início da construção do templo, mas ela parou por dezesseis anos e tinha de ser reiniciada. Zorobabel *precisava de motivação*. Ele tinha de recomeçar a obra pelos motivos certos e contando com os recursos divinos. Por isso Deus concedeu ao profeta uma quinta visão estreitamente ligada à anterior (Zc 4.1-14). Se na quarta visão aprendemos sobre a restauração do sacerdócio, nesta última, Deus lida com a motivação do *governo*.

Muito se fala e escreve sobre motivação. Motivação (motivo + ação) é o processo de *produzir ação a partir de um motivo necessário e desejável*. Motivo é “motor”, “aquilo que move”, “causa” ou “razão de alguma coisa”. Motivar é “dar motivo a”; estimular a partir de uma finalidade ou objetivo. O indivíduo motivado é o indivíduo movido por uma causa ou fundamento. Primeiro compreendemos um princípio, razão ou finalidade. Em seguida nos envolvemos com ele. Então, orientados por um motivo, somos movidos para a ação, somos motivados. Isso nos leva a uma importante questão: do que precisamos para ser motivados? De um líder inspirador? De um planejamento bem concebido? De possibilidades de benefícios pessoais? Afinal de contas, o que essa profecia nos ensina sobre a verdadeira motivação?

## II. SOMOS MOTIVADOS POR DEUS

### A. Homens dirigidos por Deus

Há uma grande diferença entre as ideias humanista e bíblica de motivação.

No primeiro caso, especialmente a Psicologia estuda os mecanismos internos e externos que motivam indivíduos e grupos. As corporações se esforçam para inspirar seus executivos e equipes de trabalho. De modo simplista e superficial, motivação é às vezes confundida com otimismo. O elemento comum nessas concepções é a desconsideração da revelação bíblica sobre o ser e a ação de Deus.

#### 4. Você poderia definir o que é motivação humanista e o que é motivação bíblica?

O fato é que algumas palavras ligadas à motivação têm origem teológica. “Ânimo”, por exemplo, é “vida da alma”, “entusiasmo” é sinônimo de arrebatamento espiritual e “inspiração” é, literalmente, “sopro do Espírito”. As Escrituras retratam motivação como algo que vem de Deus, uma intervenção divina no coração humano.

Isso é enfatizado nesta quinta visão de Zacarias. O profeta foi como que despertado de um sono e viu um “candelabro todo de ouro e um vaso de azeite em cima com as suas sete lâmpadas e sete tubos, um para cada uma das lâmpadas que estão em cima do candelabro” (Zc 4.1-2). Ele contemplou ainda “duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e outra à sua esquerda” (v. 3).

O v. 4 contém uma pergunta sobre o significado da visão: “Então, perguntei ao anjo que falava comigo: meu senhor, que é isto?”. Depois de uma rápida interação (v. 5), é fornecida uma resposta no v. 6: “Proseguiu ele e me disse: Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel: Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos”. O vocábulo *hayil*, traduzido por “força”, pode ser entendido como “bravura ou proeza humana”. Dito de outro modo, o



que era necessário fazer em Judá não seria por meio de “força”, muito menos por “poder” de homens, mas de Deus.

Sempre que pensamos em uma igreja, é natural que nos lembremos das pessoas que contribuíram para a sua plantação, organização e consolidação. É bíblico, bom e útil dar honra aos que colaboram com o serviço do reino (Rm 13.7; 16.1-16). No entanto, reconhecemos que nada seria realizado sem a intervenção divina. A história da salvação não é resultado de proeza humana, muito menos a Bíblia é o registro dos heróis da fé. O que lemos na Palavra de Deus é o Altíssimo operando maravilhas a cada geração, levando adiante seu propósito, *apesar* dos pecados e fraquezas dos homens.

### **B. A ação do Espírito Santo**

É o Espírito Santo quem opera o novo nascimento e a conversão (Jo 3.5-8; 8.7-11). Ele reveste os crentes para o testemunho e, em seguida, os chama e capacita para o serviço (At 1.8; 1Co 12.4-6,11). A igreja é obra do Espírito. Cultuamos ajudados pelo Espírito, oramos a Deus Pai em nome de Deus Filho, no poder de Deus Espírito Santo (At 9.31; Ef 5.18-20; Jo 14.13-14; Rm 8.26-27). Quando ouvimos uma pregação ou estudo bíblico, estes só fazem sentido se o Espírito iluminar nosso entendimento (2Co 4.6; cf. 1Co 2.12). Tudo o que vimos nos últimos estudos sobre salvação e santificação diz respeito ao ministério do Espírito (Gl 5.5; 1Jo 3.24). Dito isto, conclui-se que *a natureza da obra cristã exige a completa dependência dessa motivação e atuação do Espírito* (Fp 2.13). Como afirmou um servo de Deus, “somente quando seu Espírito governa cada detalhe, o serviço pode glorificá-lo”.

5. Como você compreende a verdade bíblica de que é Deus “quem efetua em vós tanto o querer como o realizar” (cf. Fp 2.13)?

Esse princípio é importante para a administração eclesiástica. Ao relatar o resultado de uma reunião de líderes cristãos, Tiago escreveu: “... pareceu bem ao Espírito Santo e a nós [...]” (At 15.28). Deveríamos poder dizer isso de cada reunião de Conselho, Presbitério, Sínodo e Supremo Concílio, plenária de Sociedade Interna ou iniciativa ministerial. Esse é o mais precioso princípio bíblico para o desenvolvimento saudável da igreja: *caminhar sob a liderança do Espírito Santo*.

Mas isso não se aplica apenas ao âmbito da igreja. O v. 14 refere-se a Deus como *’ádhôn*, “Senhor”, não apenas de Judá, mas “de toda a terra”. O que chamamos de feitos do homem, as evidências de sua criatividade, capacidade de pesquisa e desenvolvimento científico ou tecnológico e mesmo seu empreendedorismo, são resultados da graça comum. É Deus fazendo chover sua bondade sobre “justos e injustos” (Mt 5.45). É Deus suprindo sua criação, é o seu Espírito renovando “a face da terra” (Sl 104.27-30). Zorobabel precisava compreender essa verdade, ele seria motivado pelo Espírito. Nessa visão de Zacarias (v. 14), tanto ele quanto Josué são chamados de “ungidos”, literalmente “filhos do óleo” (na *Bíblia Hebraica*). O que eles realizariam tinha a ver com o revestimento do Espírito Santo sobre suas vidas.

O Espírito agindo em nós e por meio de nós produz motivação *correta*, não aquela baseada na possibilidade de ganhos pessoais, mas a motivação santificada. Isso nos ajuda a enfrentar os obstáculos. O “grande monte” se transforma em “campina” (Zc 4.7). Capacitado pelo

Espírito, Zorobabel poderia vislumbrar o dia em que a obra seria inaugurada em meio a festejos (vs. 7, 9). Existiam receios? Será que ele, o líder que lançara os fundamentos do templo há tantos anos e ainda não levantara as paredes, era apto para a tarefa? É fácil olhar para a vida da igreja, fazer uma lista de suas fragilidades e divulgá-las. Sem que percebamos, colaboramos para que haja desânimo.

6. Trabalhar com um grupo pequeno, em um ponto de pregação, por exemplo, é algo que desmotiva você? Por quê?

Enxergando as coisas sob a ótica do Espírito, não nos abatemos com os “humildes começos” (Zc 4.10). Um grupo havia voltado que sequer podia se comparar com o reino dos tempos de Salomão, um grupo mirrado e pobre. Então Deus disse: “Não desprezem esta obra porque ela parece modesta”. Repetindo, sem a ajuda do Espírito Santo, não há o desejo de prosseguir a despeito das circunstâncias.

### III. SOMOS MOTIVADOS PELA COMUNHÃO COM DEUS

Alguns estudiosos do Antigo Testamento se perdem nos detalhes do texto de Zacarias 4. Um exemplo típico são as hipóteses relacionadas ao v. 11, que fala sobre as “duas oliveiras à direita e à esquerda do candelabro”. Cogita-se sobre o tamanho das oliveiras, aparentemente grandes no início e pequenas no final (v. 3, 11-12). Discute-se ainda sobre o candelabro. Alguns se dedicam a desenhá-lo conforme a descrição fornecida nesse capítulo. Outros comentam sobre os diversos “tubos” que saem dele e alimentam suas lâmpadas. Enfim são destacadas questões técnicas que

confundem mais do que ajudam, quando o ideal é simplesmente atentar para a pergunta: “que são as duas oliveiras?”.

Um detalhe da resposta (v. 14) deve chamar nossa atenção. As oliveiras “são os dois ungidos, que *assistem junto* ao SENHOR de toda a terra” (grifo nosso). “Assistir junto” pode ser entendido como “estar próximo a”, ou, melhor ainda, “estar diante de”. A ideia do texto é que os dois ungidos estão ligados ao Senhor, ou melhor, desfrutam de comunhão com ele.

7. Se você tivesse de dar uma nota para sua motivação, ligada à sua comunhão com Deus, qual nota seria? Por quê?

A comunhão com Deus produz motivação. Quando estamos desanimados temos de avaliar nossa relação com nosso Criador. Uma das consequências do distanciamento de Deus é “coração tremente, olhos mortiços e desmaio de alma” (Dt 28.65). Davi derramava seus sentimentos, até mesmo os piores, diante de Deus, e suplicava por revitalização (Sl 69.13-36). Em Salmos 40.6-10, depois de ser iluminado, ele percebe a Bíblia falando diretamente ao seu coração e se sente motivado a testemunhar e obedecer a Deus. *A comunhão precede a motivação.*

Por fim, a comunhão precede o ministério. Em Marcos 3.14 nosso Senhor chama os discípulos para *estar com ele*, antes mesmo de o servirem. Isso não pode ser invertido. É possível sermos engolidos até mesmo pelas coisas da religião e, no fim das contas, terminarmos esgotados e decepcionados. *A comunhão com Deus deve vir antes de todas as coisas.*

### IV. SOMOS MOTIVADOS A TESTEMUNHAR

Alguns líderes se preocupam se têm de trabalhar por mais de dois ou três

mandatos. Eles são quase que forçados a “inventar coisas novas”, ou adaptar procedimentos da cultura do entretenimento, senão as pessoas não comparecem. Ao mesmo tempo, confunde-se “unção” com capacidade de manipulação. Isso faz com que se destaquem aqueles que conduzem as emoções do público, que conseguem movê-lo na direção de resultados humanamente planejados. É possível ainda se entregar ao abatimento deixando de buscar a motivação do Espírito (Lc 11.9-13; cf. Sl 42.5). Sem que percebamos, desconsideramos Deus como fonte suficiente de motivação e deixamos de testemunhar.

8. Seu testemunho como cristão reflete sua motivação e sua comunhão com Deus. De que modo você pode dizer que tem testemunhado a ação de Deus em sua vida?

Por meio dessa profecia, Deus animou tanto Zorobabel quanto o povo debaixo de sua autoridade. O santuário de Jerusalém seria concluído não pela capacidade humana, mas pelo Espírito Santo. Deus é quem conduz a igreja à realização de seu propósito. Uma igreja santa e corretamente motivada é obra da graça divina.

Esta quinta visão de Zacarias é não apenas para Judá do 6º século a.C., mas também para a igreja de hoje. Encontramos sua atualização em Apocalipse 11.3-4, referindo-se aos crentes que dão testemunho a uma geração perversa. O testemunho da igreja cheia do Espírito terminará na gloriosa consumação (Ap 11.11-13).

## CONCLUSÃO

O quadro geral fornecido pelas visões estudadas até aqui é o seguinte: Deus fala,

governa e restaura. Essa restauração implica repreensão de Satanás (Deus nos defende), purificação e santificação. O Altíssimo nos motiva com seu Espírito, e nós desfrutamos de sua íntima comunhão. Sendo assim, se quisermos ser úteis, supliquemos a Deus que nos revista com seu Espírito e andemos com ele. Neste ponto tem início uma obra de restauração. Se tudo o que estudamos nestas lições parecer complicado, apeguemo-nos a esta verdade simples: Deus opera grandes coisas na vida de quem anda com ele (Gn 17.1). Sejamos motivados não pelo desempenho da igreja, muito menos por elogios humanos. Quando recebemos animação na comunhão com Deus, prosseguimos alegres (2Co 6.4-10). Esse ânimo de permanecer firme, independentemente das circunstâncias, é obra do Espírito, confirmada em uma caminhada de comunhão com Deus.

9. Circunstâncias muito difíceis podem abater nosso ânimo. Pedro se preocupou com o vento e começou a afundar (Mt 14.30). Que atitudes você pode tomar para buscar manter o foco somente em Deus e em seu reino?

Alguma coisa ocorreria em Judá. Jerusalém e, por conseguinte, o templo seriam reconstruídos. A obra seria retomada. Isso seria levado adiante por dois homens muito frágeis, mas *revestidos pelo Espírito*, dois homens que *andavam com Deus*.

## APLICAÇÃO

Há projetos em sua vida que você teve de abandonar? Caso haja, é possível retomá-los? Eles são de fato relevantes? Quais caminhos devem ser percorridos para que esses projetos voltem à ativa? Você os retomará confiando em quem?

# 11

## O REI VITORIOSO SERÁ ADORADO

Zacarias 14.1-21

### Para ler e meditar durante a semana

**D** – Zc 11.4-17 – O pastor do povo de Deus; **S** – Zc 12.1-9 – A vitória sobre as nações;  
**T** – Zc 12.10-14 – O pranto sobre o passado; **Q** – Zc 13.1-6 – A purificação da terra de Judá;  
**Q** – Zc 13.7-9 – O pastor ferido; **S** – Zc 14.1-15 – A guerra contra Jerusalém;  
**S** – Zc 14.16-21 – A futura celebração

### INTRODUÇÃO

Há pouco mais de duas décadas, um câncer em estágio avançado foi diagnosticado em uma senhora da congregação em que eu trabalhava como evangelista. Aquela irmã me era muito querida e eu orei fervorosamente por sua cura. No dia em que a visitei no hospital eu jejei pedindo a Deus que realizasse um milagre e entrei em seu quarto certo de que *algo grandioso ocorreria*. E aconteceu mesmo. Ela me recebeu com um sorriso e, antes de eu dizer qualquer coisa, afirmou:

— Que bom que você veio, Deus mandou você para preparar-me para meu encontro com ele.

Fiquei impressionado com aquelas palavras. A partir de então, li textos das Escrituras (alguns deles a pedido dela), cantamos dois hinos (também por ela solicitados), conversamos e, por fim, oramos juntos. Em seguida ela me disse:

— Estou pronta. Muito obrigada por sua visita, que Deus abençoe seu ministério.

Eu me despedi, emocionadíssimo, e peguei o ônibus pra casa. Chegando em casa, fui informado de que haviam telefonado, aquela irmã partira para o desfrute das delícias do lar celestial.

É claro que, como cristão e seminarista, eu tinha convicções bíblicas sobre a morte e a bênção da comunhão eterna com Deus. Eu ensinava sobre a importância de vivermos nesta terra à luz da eternidade. Estou certo, no entanto, de que a Divina Providência usou aquela visita para consolidar tais verdades em minha alma de uma maneira viva e profunda. Contemplando o que é eterno, enfrentamos *qualquer* dificuldade. Daí a instrução apostólica: “Pensai nas coisas lá do alto” (Cl 3.1).

1. Você já pensou que nem sempre o melhor é acontecer a cura de alguém? Quando você ora por um enfermo o que considera, o seu desejo ou a vontade de Deus?

Isso tem relação com o último capítulo do livro do profeta Zacarias. Como vimos nas lições anteriores, aquele servo de Deus foi usado para animar o povo a retomar a obra de reconstrução do templo. Mas não apenas isso. Saltamos várias partes do livro e, agora, olhamos para seu clímax. Quando Zacarias pronunciou essa última profecia, nos dias do édito de Xerxes, o povo já oferecia culto no segundo templo, e Zorobabel e Josué não lideravam mais a província de Judá. Ao que tudo indica, surgiram maus líderes (Zc 11.4-17; 13.4). Havia uma lacuna de liderança e, mais uma vez, de esperança.

## I. PANORAMA DE ZACARIAS 14

O interessante no capítulo 14 é que não há nenhuma referência a novos líderes humanos (profetas, sacerdotes ou reis) para Judá. Toda a atenção é voltada ao Rei Supremo, o Senhor dos Exércitos, que reina “sobre toda a terra” (v. 9). Deus convoca seu povo a olhar para além da neblina da história, para sua soberania e para a consumação. Longe de, como dizem os ímpios, *alienar*; prosseguir motivado pelo reino de Deus consola, motiva e fortalece a fé.

2. Quais são as razões que Zacarias 14 aponta para a consumação de todas as coisas?

Calvino leu Zacarias 14 como uma descrição do cuidado divino para com sua igreja, desde a época do profeta até o retorno de Cristo. Praticamente todo o texto pode ser considerado sob essa ótica providencial. No entanto, é virtualmente impossível desconsiderar que a passagem aponta para a consumação de todas as coisas, por duas razões. Em primeiro lugar, refere-se ao “Dia do SENHOR” (v. 1) de modo muito particular, este será estabelecido “sobre toda a terra” e *reconhecido* por “todas as nações” (v. 9, 16). Em segundo lugar, as palavras da profecia de Zacarias ecoam no Novo Testamento, significando indubitavelmente eventos relacionados à consumação (cf. Zc 14.5 com Mt 16.27 e Jd 14-15; Zc 14.7 com Mt 24.36; Zc 14.8 com Ap 22.1-2; Zc 14.9 com Ap 11.15 e, finalmente, Zc 14.11 com Ap 22.3). Como afirmou Gerard van Groningen, temos nesta conclusão do livro de Zacarias “a apresentação do reino aperfeiçoado sob o governo do Messias”.<sup>1</sup> O mesmo autor, em

outra obra, demonstra que este trecho de Zacarias encerra o que foi iniciado no capítulo 9, formando um quiasmo no padrão ABCBBA (o quiasmo é uma *figura de linguagem* que apresenta os elementos cruzados em torno de um centro – a ideia principal):

A<sup>1</sup> O Rei – humilde, mas reto e vitorioso (9.1-17)

B<sup>1</sup> O Pastor em contraste com outros pastores (10.1–11.17)

C<sup>1</sup> O Traspassado (12.1-13)

C<sup>2</sup> A Fonte purificadora (o sacerdote) (13.1-6)

B<sup>2</sup> O Pastor ferido e o rebanho reclamado (13.7-9)

A<sup>2</sup> O Rei – reinando em glória e santidade (14.1-20)<sup>2</sup>

Sendo assim, Zacarias 14 revela o ponto culminante da obra do Redentor, a coroação daquele que, humilde, foi “traspassado” a fim de purificar sua igreja. O oráculo revela o Senhor como “Rei sobre toda a terra”, mas isso não significa o estabelecimento de um reino milenar centralizado na nação de Israel sob a regência do Messias.

Zacarias não deve ser interpretado literalmente, como se fosse “a história sendo feita”. O uso de comparativos (cf. o vocábulo “como”, nos v. 3, 5, 10) indica sua semelhança com o Apocalipse, de modo que, como afirmamos no primeiro estudo, temos de olhar para as “figuras sem forçá-las”, evitando significados inexistentes. Zacarias 14 pode ser dividido em duas partes: O estabelecimento do reino (v. 1-15) e a adoração em Jerusalém (v. 16-21). A partir dessa divisão podemos afirmar que o reino de Deus será

<sup>1</sup> Van Groningen, Gerard. *Criação e consumação*, vol. 2, Editora Cultura Cristã, pág. 488.

<sup>2</sup> Van Groningen, Gerard. *Revelação messiânica no Antigo Testamento*, Editora Cultura Cristã, pág. 850.

plenamente revelado e devemos adorá-lo em santidade.

## II. O REINO DE DEUS SERÁ PLENAMENTE REVELADO

No início e final da primeira parte deste capítulo, *Deus julga e intervém* (v. 1-3, 12-15). Por seu desígnio, Jerusalém é subjugada: “ajuntarei todas as nações para a peleja” (v. 2). Não se trata, como dizem alguns, de uma “conspiração mundial” e sim de uma convocação, pelo Deus soberano, das nações contra a cidade de Jerusalém. Mais adiante, Deus envia uma praga sobre os inimigos de seu povo, confunde-os e os leva à destruição mútua (v. 12-13). Ele mesmo luta “contra as nações”, garantindo que seu povo reparta os despojos da vitória (v. 3, 14-15).

Ainda nessa primeira parte do capítulo, *a geografia é afetada*. O monte das Oliveiras é partido ao meio, um canal de fuga é aberto, os limites de Judá se transformam em planície e a cidade de Jerusalém é miraculosamente elevada (v. 4, 5, 10, 11; cf. Is 2.2). Os estudiosos entendem tais passagens de diferentes maneiras, mas o essencial é captar o seguinte: Deus age como quer sobre sua criação. Ele mantém firme sua aliança criacional. Muito diferente das ideias profanas de divindade, a Bíblia apresenta um Deus envolvido pessoalmente com o universo.

3. Como entender as catástrofes que ocorrem na natureza? São fatos que Deus não pode impedir ou estão sob seu controle? Mesmo os que têm feito tantas vítimas?

Em tudo isso, demonstra-se sua soberania ou governo providencial. Como vimos no primeiro estudo sobre Zacarias, nada há que lhe seja oculto e nada ocorre fora de seu propósito. Não apenas isso.

Ele está envolvido em termos factuais com seu povo. Ele luta por Jerusalém e providência escape. Ele honra seu povo diante dos adversários. Para reforçar isso, o profeta fala tanto do sofrimento da igreja quanto do castigo dos ímpios. Em todas as circunstâncias Deus vela pelos seus, não permitindo que estes sofram além do que convém (cf. 1Co 10.13; Ap 2.9-10).

No centro desta primeira parte, encontra-se o cerne de sua mensagem: O Senhor virá juntamente com “seus santos” (v. 5). Isso acontecerá em “um dia singular”, quando de Jerusalém correrem “água vivas” (v. 6-8). Deus será “Rei sobre toda a terra” (v. 9). A ideia de Deus descendo dos céus a fim de livrar Israel é recorrente no Antigo Testamento (Êx 3.7-9; Sl 18.9-17). A tônica até então era que o Deus que agira no passado ainda ajudava seu povo.

A diferença de Zacarias 14 é a ideia de uma *intervenção* que garantiria o bem-estar de Jerusalém frente a todas as nações *definitivamente*. Isso se cumpriu parcialmente na primeira vinda de Cristo e alcançará sua plenitude em seu retorno glorioso (Mt 25.31-34; 1Co 15.25-28; Fp 2.9-11). É assim que compreendemos também a figura das “águas vivas”, desfrutadas por aqueles que creem em Cristo, antes da consumação (Jo 4.13-14; 7.37-39) e disponíveis abundantemente na Nova Jerusalém (Ap 22.1,17).

A geração de Zacarias foi confrontada com uma realidade dura. O simples retorno a Jerusalém não garantiu bem-estar imediato. Não foi fácil reconstruir o templo e, depois de construído, a liderança de Judá se corrompeu. Eles perceberam que a vida sobre a terra *não é fácil*. Foram forçados a lidar, o tempo todo, com perturbações externas e internas, institu-

cionais e, acima de tudo, espirituais. Isso produziu desgastes e exigiu consolação divina. Eles foram consolados com o anúncio de que não apenas Deus reina de modo invisível por sua providência, mas haverá o dia em que o seu governo será estabelecido de tal forma que as nações o reconhecerão como Deus único: “um só será o SENHOR, e um só será o seu nome” (v. 9).

4. Reconhecer Jesus como Senhor implica ser servo. Como você entende isso? Está de fato disposto a servi-lo?

Os cristãos, orientados pelo Novo Testamento, reconhecem que isso se cumpre em Jesus Cristo, o Redentor dos eleitos de Deus (Ap 11.15).

### III. ADOREMOS A DEUS EM SANTIDADE

Na segunda parte desse capítulo lemos que Deus será adorado em Jerusalém (Zc 14.16-21). Os v. 16-19 abordam a adoração das nações e os v. 20-21, a santidade dos adoradores. Antes de prosseguirmos, observemos que, como dissemos antes, devemos evitar o erro de tentar encontrar um sentido para cada detalhe da profecia. O melhor é reconhecer que lidamos com um texto carregado de símbolos, considerando o quadro geral, à luz de outros textos da Escritura. Longe de apresentar uma novidade, Zacarias reafirma o anúncio de Isaías (Is 2.2-5).

5. A igreja age como agência missionária, cumprindo o que o texto diz sobre “promulgar o direito” e ser “luz para os gentios”. De que modo você cumpre esse papel?

O mesmo profeta afirma que, “naquele dia, recorrerão as nações à raiz de Jessé, que está posta por estandarte dos

povos” (Is 11.10). O Messias “promulgará o direito” e será “luz para os gentios”; de fato, os soberanos da terra o “adorarão por amor do SENHOR” (Is 42.1; 49.6,7; 66.23). Isso se aplica, de modo parcial, ao período atual da igreja que, como agência missionária, leva o evangelho a todos os povos e, ao mesmo tempo, se aplica à consumação, quando se cumprirá a promessa de Deus a Abraão, de derramamento da bênção salvadora sobre todas as famílias da terra (Gn 12.3; cf. Ap 7.9). Tanto essas afirmações quanto a conclusão de Zacarias apresentam a sublime revelação de Jerusalém como *tipo da igreja glorificada* (Ap 21.24).

Utilizando uma figura compreensível aos crentes de seu tempo, Zacarias profetiza a celebração anual da Festa dos Tabernáculos em Jerusalém (Zc 14.16-19). Tal ajuntamento, aberto aos “estrangeiros”, foi divinamente estabelecido para que Israel cultuasse a Deus por sua realeza e graça demonstradas na salvação e preservação dos peregrinos no deserto (Lv 23.33-44; Dt 16.13-15). Os ensinamentos aqui são claros. Primeiro, na era messiânica, Deus será cultuado, não de qualquer forma, conforme as imaginações dos homens, mas como Deus singular (v. 9) e de acordo com as prescrições de sua Palavra. Segundo, os que não o adorarem sofrerão castigo.

6. Muitos cristãos ainda pensam que a glorificação a Deus só acontece de modo efetivo nos momentos de culto solene. Algo muito diferente do que afirma Zacarias 14.20-21 e 1 Coríntios 10.31. O que fazer para que seja seguido o ensino bíblico quanto a isso?

O reinado do Messias estabelece uma bênção sem precedentes: Deus passa a ser glorificado por meio da *santificação*

*da vida comum.* Todas as coisas, desde os “cavalos”, as panelas do templo e “todas as panelas em Jerusalém”, se tornarão “santas ao SENHOR” (v. 20-21; cf. Is 66.20-22).

João Calvino afirmou que tal seria a reverência e o temor a Deus por todo o mundo, que tudo seria um sacrifício para ele. [...] Isto é cumprido quando os homens consideram este fim – de glorificar a Deus através de toda a sua vida, como Paulo nos exorta a fazer (1Co 10.31).

A consagração não é apenas dos animais ou objetos, mas, mais importante do que isso, dos adoradores: “Naquele dia, já não haverá mercador na Casa do SENHOR dos Exércitos” (v. 21). O termo traduzido por “mercador” é, literalmente, “cananeu”, um “termo étnico” que, de acordo com a segunda edição da *Bíblia de Estudo de Genebra*, “era usado para identificar qualquer pessoa que fosse inaceitável na presença de Deus. O estado final e abençoado do povo de Deus envolverá a total separação dos ímpios”, ou, como afirma o Apocalipse: “Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras [no sangue do Cordeiro], para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas. Fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira. Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã. O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida” (Ap 22.14-17).

7. Culto solene deve ser realizado como a palavra de Deus prescreve. O que deve ser considerado essencial na adoração ao Senhor?

Os crentes do tempo de Zacarias deviam se animar para adorar ao Senhor em Jerusalém, nos moldes prescritos pela lei, compreendendo que seu culto antecipava a adoração que seria para sempre estabelecida, na consumação. De modo semelhante, o culto da igreja é um adiantamento do “glorioso dia”, ou seja, cada vez que nos reunimos para invocar a Deus, desfrutamos de antemão e ao mesmo tempo nos preparamos para a perfeita adoração celestial (Ap 19.1-8).

## CONCLUSÃO

Deus descerá dos céus e derrotará todos os seus inimigos. Ele reinará para sempre e receberá glória de sua igreja santificada. Seu plano perfeito será consumado e o Messias, como Rei, será adorado. Tendo isso em mente, enfrentamos *tudo*. Não há pecado, problema ou sofrimento que sejam definitivos para os eleitos de Deus. A escuridão cederá à luz e todo o universo dirá “glória”!

Se isso é assim, animemo-nos. Voltemos nossos olhos para o Redentor. Recebamos dele a graça para prosseguirmos nos santificando de toda impureza. Dedicuemos a ele o que somos e temos, de tal modo que nossa vida seja, em cada detalhe, para seu agrado.

8. Um dos papéis essenciais da igreja é a adoração. De que modo você se prepara para cultivar a Deus?

## APLICAÇÃO

Motivado por estas profecias de Zacarias, o povo realizou o trabalho necessário (Ed 5.1-2; 6.14-15). As profecias desta segunda parte do livro revelaram a obra redentora do Messias e animaram os crentes a crer e adorar. Essa realidade motiva você a adorar e a trabalhar pelo reino? Como?



# 12

## Malaquias 1

# RELIGIÃO SEM DEVOÇÃO

### Para ler e meditar durante a semana

**D** – Ml 2.1-9 – Uma dura repreensão aos sacerdotes; **S** – Ml 2.10-16 – Decadência na vida conjugal; **T** – Ed 9.1-15; Ne 13.23-29 – Casamento misto; **Q** – Ml 2.17-3.5 – Decadência ética; **Q** – Ml 3.6-12 – Decadência da mordomia; **S** – Ne 13.10-14 – A restauração do sustento dos levitas; **S** – Ml 3.13-4. – Nascerá o sol da justiça

## INTRODUÇÃO

### 1. O que leva você a ir à igreja?

Conta-se que, em certa manhã de domingo, um jovem foi acordado por sua mãe. “Filho, levante-se, está na hora de ir para a igreja”, dizia a senhora. O rapaz então respondeu friamente: “Mãe, eu não vou, deixe-me dormir”. Insistente, a senhora replicou: “Filho, levante-se, você tem de ir à igreja”. Então, o moço respondeu asperamente: “Mãe, minha vida pessoal está destruída, minha vida financeira arruinada, as pessoas na igreja são mentirosas e traiçoeiras, não há ninguém em quem eu possa confiar, tudo vai muito mal, e eu sinto como se Deus não se importasse comigo. Por que eu deveria ir à igreja? Dê-me ao menos um bom motivo.” A mãe, então, em tom exaltado, afirmou de modo contundente: “Você deve ir porque você é o pastor!”.

## I. CIRCUNSTÂNCIAS DO LIVRO

2. Em que período Malaquias exerceu seu ministério?
3. Onde estava o povo de Israel naquele tempo e em quais circunstâncias vivia?
4. Explique o verdadeiro problema enfrentado por eles.
5. Quais acusações foram feitas contra o povo?

A ilustração aponta para uma perigosa realidade: é possível transformarmos nosso relacionamento com Deus em mera formalidade religiosa, em uma obrigação fria e sem vida mantida por uma tradição. Algo semelhante a isto acontecia com grande parte da nação de Israel quando Yahweh levantou Malaquias para profetizar ao seu povo.

O livro nada nos informa a respeito de Malaquias. Porém, a menção a um governador (Ml 1.8), a circunstâncias envolvendo casamento entre judeus e gentios (2.11) e a falha na entrega dos dízimos (3.8), ajudam-nos a situar essa mensagem profética em seu contexto histórico. Malaquias exerceu seu ministério profético nos tempos pós-exílicos, isto é, junto aos judeus que haviam retornado à sua terra após o cativeiro babilônico. Quando Malaquias profetizou, é bem provável que um bom tempo já houvesse se passado desde o retorno dos primeiros exilados; os profetas Ageu e Zacarias já haviam encerrado seu ministério. É correto, portanto, ler Malaquias em paralelo com os livros históricos de Esdras e Neemias.

Por esse tempo, sabemos que o povo enfrentava graves problemas na província da Judeia. O livro de Neemias nos diz

que Jerusalém se encontrava em grande miséria e desprezo (Ne 1.3). Ainda que não justifiquem, essas circunstâncias difíceis enfrentadas pelos judeus nos ajudam a entender a grave situação espiritual denunciada pelo profeta Malaquias. Embora, ainda que a contragosto, continuasse a praticar o culto ao Senhor no templo (Ml 1.9-14), em seu coração o povo duvidava do amor de Deus (1.2) e não achava que servir ao Senhor fizesse qualquer diferença “na prática” (veja 2.17 e 3.14).

O povo, na época de Malaquias, fez uma severa separação entre a vida religiosa, mantida por tradicionalismo, e a vida real. Não abandonaram de vez a religiosidade na expectativa de talvez conseguir de Deus alguma “graça” (1.9), por isso, continuavam prestando culto, ainda que de forma negligente e desleixada (1.8). No contexto da “vida real”, contudo, o povo evidenciava uma total indiferença em relação a Deus e seus princípios. Os preceitos de Deus como o casamento (2.10-16), a ética social (2.17-3.5) e a mordomia dos bens econômicos (3.6-12) eram desconsiderados por completo.

Essa separação radical entre religiosidade e experiência cotidiana evidencia o verdadeiro problema do povo de Deus naquele momento: religiosidade desprovida de devoção. De modo semelhante ao pastor mencionado na introdução, o povo mantinha por obrigação as tradições religiosas, mas não nutria o relacionamento de amor e vida que Deus chama os seus eleitos a cultivar com ele. Tal aproximação meramente formal, na qual Deus é lembrado apenas quando estamos no templo, mas esquecido assim que saímos de lá, é desprezada por ele e enseja seu juízo sobre nossa vida.

Por causa de tudo isso, Malaquias afirma que Yahweh agora convocava seu povo a comparecer diante de seu tribunal. Seis acusações são feitas ao povo (1.2,6; 2.13;2.17;3.7-8,17-18), que as replica com perguntas cheias de cinismo e indiferença. Deus apresenta, então, sua tréplica irrefutável e exige do povo uma atitude de arrependimento.

Malaquias nos ensina que terríveis consequências resultam dessa ausência de um relacionamento sincero e profundo com Deus. Seus pronunciamentos mostram o colapso espiritual de seus contemporâneos em três esferas fundamentais da vida: o próprio culto, o relacionamento conjugal e a ética social.

## II. A DECADÊNCIA DO CULTO (Ml 1.1;2.9)

6. Por que Deus estava irado com os sacerdotes?

7. O que levou o povo a prestar um culto desprezível?

8. O que caracterizava este culto?

Manter uma aproximação de Deus meramente “litúrgica”, quando de fato não nutrimos com ele um relacionamento de amor, é algo que o Senhor repudia. E era justamente isso que o povo estava fazendo na época de Malaquias (cf. Ml 1).

Deus estava particularmente irado com os sacerdotes, pois eles haviam se tornado negligentes no cumprimento de seu principal dever, que era fazer com que o povo de fato conhecesse a Deus e se relacionasse com ele (2.5-7). Talvez seja justamente essa negligência da liderança espiritual da nação que levou a esse estado: o povo conhecia os ritos litúrgicos do culto a Yahweh, mas *não conhecia a Yahweh*. Eles praticavam mecanicamente os sacrifícios estabelecidos na aliança de Deus com Levi

(2.4-5), mas os sacerdotes não davam a menor importância em fazer com que o povo amasse a Deus e praticasse os ritos de coração (veja as acusações graves, 2.1-3,8-9).

Chama a atenção o fato de o povo questionar o amor de Deus por ele (Ml 1.2-3). O argumento dessa primeira acusação de Deus é claro: desde os tempos patriarcais, Yahweh escolhera a descendência de Jacó para ser seu povo amado. Jacó e Esaú eram gêmeos, e Jacó nada fizera para ser escolhido, porém Deus, soberana e graciosamente, separou Jacó para ele, preterindo Esaú. Ao longo dos séculos, Deus providencialmente preservou a vida da nação de Israel, a descendência de Jacó. Edom, povo que descendia de Esaú, nesse contexto histórico já fora completamente exterminado (1.4-5). Porém, contra todas as probabilidades, Israel retornara do cativeiro e habitava novamente sua terra. Como poderia o povo questionar tão grande amor, claramente evidenciados pela eleição e providência do Senhor? Porém, o povo questionava: por que devemos acreditar que Deus nos ama?

Era evidente que, embora o povo possivelmente tivesse informações sobre Deus, não o conhecia de fato e claramente não o amava. Essa falta de um relacionamento verdadeiro com Deus resultou em um culto desprezível. Os ritos de sacrifícios de animais, previstos no livro de Levítico, eram realizados. Porém, ao trazer suas oferendas, o povo desrespeitava e desonrava Deus, ao invés de agradá-lo (1.6). Falando particularmente à casta sacerdotal, Deus apresenta sua segunda acusação contra o povo: considerar a mesa do Senhor desprezível (v. 7). Isso porque nela os sacerdotes colocavam pão imundo e o povo trazia o pior de seu rebanho, animais cegos, coxos e enfermos (v. 8-9). A afirmação que

Malaquias faz é grave: qualquer um teria vergonha de trazer um animal em tais condições ao governador (1.9). Porém, era com tais ofertas vexatórias que o povo se aproximava de Deus para cultuá-lo. Essas oferendas desprezíveis revelavam algo ainda pior: o povo considerava o culto algo tremendamente enfadonho. É claro que Deus não aceitava essa pseudoadoração (1.13).

Deus jamais aceitou um culto prestado com esse estado de espírito. Ele é grande também fora dos limites de Israel (1.3) e entre todas as nações seu nome era honrado e engrandecido com ofertas puras (1.11).<sup>1</sup> Obviamente, Deus abominava o culto prestado por aquele povo enganador (1.14). Suas orações não eram mais ouvidas e Deus ansiava por alguém que fechasse a porta do templo, pois o culto de Israel se tornara insuportável a ele (1.9-10).

Esse culto decadente dos dias de Malaquias é sintoma de uma terrível doença espiritual: religiosidade praticada sem relacionamento. O povo perfazia negligentemente os ritos religiosos, mas não conhecia de fato o Deus vivo que se revela na Palavra (1.7-8). Sendo assim, não era de se esperar algo diferente desse culto desprezível.

### III. A DECADÊNCIA DO CASAMENTO (Ml 2.10-16)

9. Explique a terceira acusação de Deus contra o povo.

10. O que explica o fato do povo de Deus se corromper grosseiramente em uma área da vida tão delicada quanto o casamento?

<sup>1</sup> O livro de Daniel registra o fato de que, no período do exílio, grandes imperadores como Nabucodonosor e Dario promulgaram decretos que ordenavam que Yahweh fosse reconhecido e adorado entre as nações sob o seu domínio (Dn 3.29-30; 6.25-27).

A terceira acusação de Deus contra o povo no livro de Malaquias mostra o desprezo do povo aos princípios da Palavra que devem nortear a vida conjugal. O profeta censurou o povo por cometer três faltas gravíssimas: primeiro, os judeus estavam se casando com mulheres adoradoras de deuses estranhos (2.11); segundo, eram desleais à aliança firmada diante de Deus com a mulher de sua mocidade (2.13-14); terceiro, estavam repudiando suas mulheres (divorciando-se), algo que Deus declara solenemente odiar (2.16).

Estas coisas acontecem quando Deus é reduzido a uma pequena dimensão de nossa vida. Ele só é lembrado no momento do culto. No dia a dia, na vida prática, seus princípios são negligenciados e ignorados. Como o povo não tinha um relacionamento vivo com Deus, baseado no amor e na fé, desprezava sua instrução para o casamento. Pior que isso: não reconhecia que Deus exige senhorio sobre nossa vida conjugal e familiar, pois tem para nossas famílias um projeto maravilhoso.

Em sua Palavra, Deus nos revela que quer fazer de nossa aliança conjugal uma representação visível do próprio relacionamento pactual que ele tem com seu povo (2.10; compare com Ef 5.31-32), por isso adultério e divórcio são pecados tão graves. Além disso, por meio de nossos filhos, Deus quer preservar sua santa semente e promover a expansão de seu reino (1.15, compare com 1Co 7.14), o que se torna penoso no contexto do casamento misto.

Deus exige supremacia sobre nossa vida conjugal. Seus preceitos para a vida familiar devem ser observados por aqueles

que professam segui-lo. Aqueles que amam ao Senhor e querem honrá-lo, procurarão casar-se com pessoas que compartilham esse amor, procurarão honrar sua aliança conjugal repudiando a infidelidade e o divórcio. Em um tempo como o nosso, esses princípios devem ser reafirmados e o povo de Deus chamado ao arrependimento por não os cumprir.

#### IV. A DECADÊNCIA DA ÉTICA SOCIAL (MI 2.17;3.12)

11. Qual foi a falta que gerou a quarta acusação contra o povo? Descreva as maneiras como esta falta se manifestava e suas consequências.  
12. O que leva o povo de Deus à decadência moral?

A quarta acusação aponta para outra falta muito grave: para eles, fazer o bem ou fazer o mal se tornara algo indiferente, pois duvidavam que o Senhor de fato julgasse a ação moral dos homens. Essa atitude cética e cínica do povo estava desagradando a Deus (MI 2.17). De fato, a religiosidade tornou-se uma prática tão sem significado para aquele povo que eles passaram a questionar se fazia qualquer diferença obedecer a Deus (MI 3.13-14).

Assim, a norma que regia os relacionamentos sociais não era a lei moral de Deus, eterna e imutável, tal como expressa nos dez mandamentos, era, na verdade, a “lei da selva”, “o salve-se quem puder”, o “levar vantagem em tudo”. Esse povo já não via qualquer entrave moral em cometer adultério (como já vimos), jurar falsamente, desfalcar seus empregados no momento do pagamento, ficar indiferente aos órfãos e viúvas ou prejudicar os estrangeiros, desde que essas atitudes infames trouxessem algum ganho. Na verdade, para obter vantagem, até feitiçaria era aceitável (MI 3.5).

Seu discernimento moral estava tão corrompido que imaginavam que poderiam levar vantagem até mesmo sobre Deus. Eram tão gananciosos quanto aos bens materiais que não tinham qualquer pudor em oferecer a Deus o que tinham de pior: animais cegos, aleijados e doentes (1.8). Além disso, pensavam que podiam enganar a Deus no tocante aos dízimos e ofertas que traziam à Casa do Tesouro (3.6-9, essa é a quinta acusação do livro de Malaquias).

Sem qualquer temor a Deus, endu-recidas e gananciosas, as pessoas já não viam sentido algum em agir certo quando a ação condenável parecia mais vantajosa a eles. Em uma sociedade assim, os relacionamentos entram em colapso: não se pode confiar na palavra dada, as pessoas socialmente vulneráveis são ainda mais oprimidas e os órgãos responsáveis por promover a justiça e equilibrar as relações são facilmente corruptíveis.

Embora esse povo professasse crer em Deus, agia em suas relações sociais de forma tão gananciosa e pragmática que deixaria o mais convicto ateu envergonhado. Como o "povo de Deus" pode decair tanto moralmente? Essa é uma realidade inevitável quando Deus fica limitado a uma esfera muito pequena da vida, a esfera litúrgica. Essa era a realidade do povo na época de Malaquias. Pareciam religiosos diante do altar, mas da porta para fora se esqueciam completamente de Deus e de seus mandamentos.

É ilusão, contudo, pensar que se pode ludibriar o Altíssimo, o Juiz de toda a terra. Deus afirma que estava próximo o dia em que se chegaria a esse povo hipócrita para juízo, sendo testemunha veloz contra tudo que fazia de errado (Ml 3.5). Mesmo quando as circunstâncias parecem indicar que Deus não se importa,

não devemos nos enganar: ele está próximo, está vendo e, no final das contas, fará transparecer a sua justiça.

## CONCLUSÃO

Num primeiro momento, a ilustração contada no início da lição pode soar absurda. Como alguém pode encontrar como único motivo para ir à igreja o fato de ser pastor? Contudo, o livro de Malaquias nos ensina uma verdade estarrecidora: o nosso coração é tão enganoso que corremos o risco de termos uma religiosidade vazia. E era essa a situação vivida pelo povo na época de Malaquias: era religioso, mas não amava a Deus. Apenas uma pequena dimensão da vida, o culto no templo, era "oferecida" a Deus pelo povo, e ainda assim, de maneira desleixada e sem verdadeira devoção. Nas outras esferas da vida, como vimos, o povo não buscava se relacionar com Yahweh nem obedecer sua Palavra. Isso levou ao colapso do próprio culto, das famílias e da ética social. O povo se embruteceu.

## APLICAÇÃO

À luz do ensino do profeta Malaquias, faça uma autoavaliação. 1) Qual sua motivação para cultuar a Deus: uma relação de amor e fé com ele ou mera tradição? 2) A influência de Cristo Jesus alcança todas as esferas do seu viver ou limita-se ao culto de domingo? 3) Seu casamento está estruturado de acordo com a Palavra de Deus? 4) E seus relacionamentos sociais, são conduzidos pelo pragmatismo ou pela lei moral de Deus?

Avalie-se e creia que Jesus Cristo tem poder para restaurar e redimir sua vida, se de fato você se arrepende diante do Senhor.

Malaquias 3.1-6,13-4.6

**Para ler e meditar durante a semana**

**D** – Sl 73 – Esperança em épocas de crise; **S** – Ml 2.17-3.5 – O SENHOR não muda;  
**T** – Is 40.1-11 – O precursor do SENHOR; **Q** – Mt 3.1-10 – João Batista; **Q** – Ml 4.4-6; Mt 11.7-18 – O profeta Elias; **S** – Is 9.1-10; 42.1-9 – Luz para os gentios;  
**S** – Ml 3.13; 4.9 – Nascerá o sol da justiça

**INTRODUÇÃO**

1. Como você reage aos momentos difíceis? De que maneira você procura consolar aqueles que estão passando por circunstâncias adversas?

Como falar em esperança quando as circunstâncias sugerem que o pior está por vir? Não é desafiador falar em paz e consolo em períodos de estabilidade, mas quando alguém se depara com tempos em que a perversidade parece prosperar, mesmo pessoas piedosas podem sentir sua fé vacilar. Em tempos assim, porém, Deus renova as esperanças do justo ao fazê-lo contemplar o fim da história. Por mais tenebrosa que seja a noite, é certo que raiará a aurora. As trevas não podem resistir para sempre, o sol nascerá, e elas cederão.

**I. ESPERANÇA EM TEMPOS SOMBRIOS**

2. Descreva o estado do povo de Deus nos dias de Malaquias.  
 3. Qual foi a palavra de Deus àqueles que temiam seu nome?

Malaquias profetizou em um tempo tenebroso, anunciando a mensagem do Senhor ao remanescente que sobreviveu ao cativeiro. A maior parte da nação não desfrutava de um relacionamento de amor e vida com Yahweh. Até mesmo os sacerdotes haviam se corrompido e, em

vez de instruírem o povo para tirá-los da iniquidade, faziam-no tropeçar (Ml 2.7-9). Essa falta de um verdadeiro conhecimento do Senhor levou esse povo a desenvolver uma religiosidade hipócrita. Eles mantinham, por mera tradição, um culto profano (1.6-14). Nas outras dimensões da vida, da porta do templo para fora, desprezavam por completo a Deus e a sua Palavra. Cheios de amargura pensavam que Deus estava alheio e distante, por isso duvidavam de sua justiça (2.17). A vida familiar estava em ruínas (2.10-16), a injustiça social era gritante (3.5) e a ganância prevalecia (3.8). Em resumo: pensavam que Deus não se importava, e consideravam inútil servir a ele (3.14), sem o discernimento da Palavra, pensavam ser mais lógico viver como os ímpios, que no entender deles, cometiam iniquidades e ficavam livres (3.15).

Malaquias confrontou duramente a indiferença e o pecado da nação. Era de se esperar que, a esse povo duro de coração, a palavra final de Deus fosse de condenação. Mas, vemos que, acima de tudo, Yahweh reafirmou seu amor eterno e imutável para com seu remanescente fiel (1.1-5). No final das contas, Deus anunciou uma mensagem de salvação aos que temiam seu nome (4.1-6). Nesses tempos sombrios, o Senhor renovou a

esperança de seu povo por meio de duas profecias messiânicas (isto é, que anunciam a Cristo) registradas em Malaquias 3.1-5 e 4.1-6.

## II. O MENSAGEIRO DE YAHWEH E O ANJO DA ALIANÇA (MI 3.1-5)

4. Como o povo deixou Deus enfadado? (MI 2.17)
5. O que é o *remanescente fiel*?
6. O que Deus promete em Malaquias 3.1?
7. Quem é o mensageiro de Yahweh? O que ele fez para preparar o caminho do Senhor?
8. Quem é o Anjo da Aliança? O que ele faria? Como?

Deus declarou estar cansado de ser afrontado por seu povo, que chegou ao ponto de questionar a justiça divina: “Onde está o Deus do juízo?” (MI 2.17). É diante desse questionamento cínico que Malaquias apresenta sua primeira profecia messiânica (3.1).

Apesar de toda a dureza de seu coração, o povo tinha a expectativa de ser visitado pelo Senhor. Muitos deviam esperar tal visita com motivações erradas, ansiando que as condições difíceis fossem aliviadas por um “messias” que trouxesse prosperidade material. Por outro lado, é certo que nesse tempo havia remanescentes fiéis, pessoas tementes a Deus que esperavam uma ação divina que tratasse o pecado e trouxesse salvação.

Yahweh proveria salvação e justiça ao enviar, primeiro, seu mensageiro, preparando o caminho diante dele, depois, o Senhor, o Anjo da Aliança, viria ao seu templo. Quem é esse mensageiro de Yahweh, precursor do Senhor? E quem é este Anjo da Aliança? O Novo Testamento revela que ambas as profecias se cumpriram em seu tempo.

### A. O mensageiro de Yahweh

Além de Malaquias, apenas Isaías fala a respeito da vinda de um precursor do Senhor (Is 40.3). Esse precursor foi João Batista (Mt 11.10; Jo 1.23). Nesse ponto, devemos nos perguntar: o que João Batista fez para preparar o caminho do Senhor? João Batista “tornava limpo” (tradução literal de “preparará”, MI 3.1a) o caminho diante do Senhor por meio da sua pregação. Em Mateus 3.1-10, vemos uma amostra de sua mensagem radical. Ele conclamava o povo a confessar seus pecados e se arrepender. Ele anunciava a chegada iminente do reino de Deus, que traria perfeita justiça, salvação aos contritos e destruição aos endurecidos de coração. João convidava as pessoas ao batismo, um rito de purificação voltado aos gentios, a fim de demonstrarem, de forma contundente, que se consideravam imundas e precisavam de justificação.

Muitos se humilharam diante de sua pregação e, quando o buscavam com o coração quebrantado, João os batizava. Contudo, quando saduceus e fariseus – religiosos hipócritas – apresentaram-se diante dele no rio Jordão, ele os repeliu dizendo: “Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento (...)” (Mt 3.7-8). A atitude do povo judeu da época de Malaquias, em muitos aspectos, assemelha-se à religiosidade falsa dos fariseus e saduceus dos dias de Jesus. Tanto Malaquias como João Batista, cada um em seu tempo, confrontaram duramente a hipocrisia. Deus não é indiferente, Deus não pode ser enganado.

Essa é a mensagem pregada por João Batista: Deus julgará rigorosamente aqueles que se consideram “justos” aos

seus próprios olhos e não buscam perdão em Deus. Contudo, há salvação para os arrependidos. O ministério de João Batista era apontar para alguém capaz de proporcionar ambas as coisas: “Eu, na verdade, vos batizo com água, mas vem o que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. A sua pá, ele a tem na mão, para limpar completamente a sua eira e recolher o trigo no seu celeiro; porém queimará a palha em fogo inextinguível” (Lc 3.16-17).

O caminho estava preparado para o surgimento do Senhor, o Anjo da Aliança profetizado por Malaquias.

### **B. O Anjo da Aliança**

O Senhor que viria ao seu templo é o próprio Anjo (ou mensageiro) da Aliança (Ml 3.1). A afirmação de Malaquias é condizente com o ensino global do Antigo Testamento: Yahweh é um Deus pactual. Desde o Éden, Deus fez uma aliança com o homem, reafirmada e ampliada por meio dos pactos com a semente de Abraão, com o povo de Israel e com a casa de Davi. Essa aliança sempre foi mediada por seu Anjo, por seu Servo.

Malaquias afirma que esse Anjo (ou Mediador) da Aliança enfim visitaria o povo, trazendo sobre os humildes e contritos as bênçãos pactuais e sobre os transgressores a justiça da aliança. Esse Anjo da Aliança, que faz mediação do pacto de Yahweh com o homem, segundo Malaquias, deve ser identificado como o próprio Yahweh. Portanto, na pessoa do Anjo da Aliança, o próprio Yahweh visitará seu templo. Embora não use a expressão, Malaquias está claramente anunciando a

vinda do Ungido de Deus, do Messias prometido. Ele afirma que o Anjo da Aliança: “É como o fogo do ourives e como a potassa dos lavandeiros. Assentar-se-á como derretedor e purificador de prata; purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e como prata; eles trarão ao SENHOR justas ofertas” (Ml 3.2-3).

O Anjo da Aliança purificará os filhos de Levi que é uma representação do povo fiel. As referências ao fogo e à potassa não devem ser vistas apenas como um símbolo de justiça devastadora. O poderoso fogo do ourives destrói apenas os minérios indesejáveis, preservando e purificando o metal verdadeiramente precioso. Igualmente, a forte potassa do lavandeiro remove as impurezas, e assim alveja completamente os tecidos em processo de lavagem.

A mensagem é clara: o Messias purificará o povo de Deus. Os perversos devem temer sua vinda, pois serão exterminados. Os que temem a Deus, contudo, serão purificados pela sua obra. Depois que o Messias terminar seu trabalho, as ofertas trazidas pelo seu povo serão agradáveis ao Senhor (4.4).

Quem é o Anjo da Aliança? Quando questionado pelos religiosos de sua época se era o próprio Cristo, João Batista negou veementemente (Jo 1.20; Lc 3.15-16). Ele não era o Messias, e sim o precursor deste. Por outro lado, quando se deparou com Jesus, João Batista testemunhou com regozijo: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! É este a favor de quem eu disse: após mim vem um varão que tem a primazia, porque já existia antes de mim” (Jo 1.29-30).

Jesus é o Anjo da Aliança anunciado por Malaquias, o Messias prometido. Em



sua vinda, o Senhor visitou seu templo, pois Jesus é o Filho de Deus, a Segunda Pessoa da Trindade. Malaquias não distinguiu entre as duas vindas de Jesus, algo que somente seria revelado no Novo Testamento. Neste período intermediário entre suas vindas a este mundo, Deus está reunindo seus eleitos de todas as nações, conclamando-os por meio do evangelho a se arrependem e serem purificados pela fé no sangue do Cordeiro.

Contudo, quando voltar a este mundo, Jesus tratará com rigor todos os orgulhosos e rebeldes. Ele voltará não como um Cordeiro, mas como Rei e Juiz, a fim de condenar para sempre todos os incrédulos. Os perversos serão destruídos e lançados para sempre no lago de fogo e enxofre (Ap 19–20). Todo aquele, porém, que alvejou suas vestes em seu sangue, desfrutará da eterna bem-aventurança de habitar para sempre em sua cidade (Ap 22.14).

### III. O SOL DA JUSTIÇA E O PROFETA ELIAS (MI 4.1-6)

9. Quais as acusações que Deus fez contra o povo em Malaquias 3.13-15?

10. O que Deus promete aos que ainda temiam seu nome?

11. O que é o Dia do Senhor? Como reconhecê-lo?

12. Explique quem é o profeta Elias prometido em Malaquias 4.5.

Malaquias 4, em certo sentido, é uma reafirmação da profecia messiânica já explicada. Em 3.13-18, o profeta apresenta a última acusação de Deus contra o povo. Eles são censurados por afirmarem que era inútil servir a Deus e por considerarem como felizes os que praticavam iniquidade (MI 3.13-15). Contudo, em meio a essa geração perversa e incrédula, Deus preservou um remanescente fiel. Havia

uma parcela do povo que temia ao Pai, que praticava o encorajamento mútuo e se lembrava do nome do Senhor (v. 16-17). Deus os considerava um tesouro particular, e promete que os pouparia em um tempo de julgamento que se aproximava (3.18). No devido tempo, Deus manifestará claramente a diferença entre o perverso e o justo, entre o que serve a Deus e o que não o serve. E como Deus fará isto?

Deus tem um dia preparado, o Dia do Senhor. Esse dia será abrasador, como o raiar da aurora após uma noite tenebrosa. Todas as criaturas das trevas, anjos e homens perversos e rebeldes contra Deus, serão destruídas quando vier esse dia. Para aqueles que temem ao Senhor, contudo, esse dia será motivo de grande alegria. Será como o nascer do sol da justiça, trazendo salvação em suas asas. Que figura magnífica para descrever o tempo do Messias. Mas como o povo de Deus poderia identificar precisamente o tempo desses eventos? Como reconhecer o Dia do Senhor? Malaquias remete o povo à Escritura: “Lembra-vos da Lei de Moisés, meu servo, a qual lhe prescrevi em Horebe para todo o Israel, a saber, estatutos e juízos. Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR; ele converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição” (MI 4.4-6).

A vinda do Dia do Senhor era a consumação de tudo o que fora prescrito na lei e previsto pelos profetas. Na iminência desse Dia, Deus enviaria o profeta Elias para realizar uma obra de reconciliação, a fim de que Deus não ferisse com maldição a terra. Quem é o profeta Elias? Mais uma vez o Novo Testamento

nos esclarece que Malaquias, o último livro escrito inspirado do Antigo Testamento, aponta, por meio desta palavra, para o último de todos os profetas: *João Batista*. A esse respeito, Jesus declarou: “Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no reino dos céus é maior do que ele. (...) Porque todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir” (Mt 11.10-14).

As Escrituras testificam de Jesus (Jo 5.39). Por meio de muitas figuras, Moisés falou sobre ele. Geração após geração, os profetas, a começar do “primeiro” Elias, predisseram sua chegada. Durante séculos o Antigo Testamento reafirmou a vinda do Senhor a este mundo na pessoa do Messias, para redenção de seu povo. Então, ao se cumprirem os tempos, João e Jesus anunciaram a mesma mensagem: o reino de Deus está às portas (Mt 3.2; 4.17; Mc 1.15).

João Batista, descrito por Malaquias como o “profeta Elias”, é quem tem o privilégio de cessar a linhagem profética, pois toca com as mãos aquele a respeito de quem todos os profetas falaram de longe: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). João foi maior do que todos os profetas, pois anunciou o pleno cumprimento das profecias em Cristo. Contudo, “o menor no reino de Deus é maior que ele”, pois João não viu a obra de Jesus consumada, em sua morte e ressurreição. Como nós, que temos o testemunho da Escritura sobre a vitória do Cordeiro, somos privilegiados!

## CONCLUSÃO

13. Conte a lição em uma frase.

Malaquias profetizou sobre o pre-

cursor do Messias, chamado de mensageiro de Yahweh e profeta Elias. Sua tarefa seria preparar o caminho para a chegada do Anjo da Aliança, antes do grande e terrível Dia do Senhor. Vimos que essas profecias se cumprem na pessoa de João Batista.

O último profeta do Antigo Testamento também falou da vinda do Senhor e do Anjo da Aliança ao seu templo. Isso ocorreria no “Dia do Senhor”, quando nasceria o sol da justiça, trazendo salvação em suas asas. Jesus, nosso Redentor, é o Anjo da Aliança, o Senhor que veio ao seu templo, que com isso fez nascer o sol da justiça.

Malaquias nos ensina que, após uma noite de trevas, quando a escuridão obscurece a verdade, Deus faria nascer o sol da justiça. Ao romper a aurora, ficaria claro que Deus não pouparia os perversos, mas purificaria e salvaria os humildes e tementes a ele. A mensagem central de Malaquias, portanto, aponta para o eterno amor de Deus para com seu povo e traz esperança e consolo àqueles que esperam nele.

## APLICAÇÃO

14. De que modo esta lição pode ser aplicada em sua vida?

Ao considerar as circunstâncias de nossa época, você já se sentiu desestimulado ao ter a impressão de que o “mal está vencendo”? Já se questionou se realmente vale a pena seguir a Jesus, uma vez que parece que “os que cometem impiedade prosperam”? Então se aproprie da mensagem de Malaquias e renove suas esperanças. Deus está preparando um grande dia para aqueles que confiaram sua vida a Jesus.